



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Estudo de caso sobre Estabilidade Bancária Angolana – aplicação do modelo CAMELS

Oliveira Sebastião

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Monetária e Financeira

Orientador:
Professor Doutor Diptes Chandrakante Prabhudas Bhimjee,
Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL Business School
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019





Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Estudo de caso sobre Estabilidade Bancária Angolana – aplicação do modelo CAMELS

Oliveira Sebastião

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Monetária e Financeira

Orientador:
Professor Doutor Diptes Chandrakante Prabhudas Bhimjee,
Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL Business School
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que nos permite realizar todas as coisas e a mim deu a possibilidade de efetuar e concluir esta Dissertação.

Aos meus Familiares que desde pequeno sempre investiram nos meus estudos e até hoje o fazem e esta meta pertence mais a eles do que a mim. Não poderia de deixar de dedicar esta conquista à minha Noiva que verdadeiramente foi, tem sido e sempre será o meu apoio e suporte em tudo.

À Madzglobal, na pessoa do Dr. Maurício Airosa, que foi a grande Instituição Financeira que confiou em mim enquanto jovem estudante ainda, ao qual possibilitou-me a exercer funções durante cinco anos, em pude conhecer a realidade bancária Angolana, onde desloquei-me num período de dois anos e que fez então brotar essa enorme vontade de realizar este trabalho a fim de auxiliar a minha Nação.

À Kaffa – Galvão e Noronha, Lda – mais especificamente o departamento financeiro, que foi a instituição que apoio-me nesta fase final do meu mestrado, isto é, nesta Dissertação, sendo bastante compreensível relativamente a disponibilidade que a mesma carecia na sua conclusão.

Ao meu Orientador o Prof. Diptes Bhimjee, que detém um enorme conhecimento sobre a matéria em estudo. Mesmo tendo outros orientandos, nunca foi ausente, sempre estimulou-me para esta investigação e mostrou sempre uma grande disponibilidade para auxiliar-me em tudo que necessitava.

Por fim e não menos importante dos demais, a todos que de forma direta e/ou indireta, participaram deste trabalho.

Sem estes, a realização deste trabalho não seria possível.

Obrigado

Resumo

Esta Dissertação procura apurar a Estabilidade Bancária Angolana entre 2010 e 2018.

A presente investigação conta com o apoio de várias fontes que dão sustento a mesma, como por exemplo o BIS, FMI, livros de autores de renome, entre outras.

No que diz respeito aos dados, foram utilizadas informações extraídas do FMI, Banco Mundial, FED, contudo grande parte da informação foi retirada dos Relatórios do BNA.

Relativamente a metodologia, a escolha recaiu no modelo CAMELS, que analisa a solidez de um banco, bem como os indicadores por este explorado, que foram selecionados tendo em conta a realidade estudada, cuja sigla significa: **C** – Capital Adequancy, **A** – Assets Quality **M** - Management, **E** -Earnings **L** – Liquidity, **S** - Sensivity to Market Risk. O estudo será executado através de um *benchmark* que permite efetuar comparações dos indicadores bancários selecionados, com base num valor de referência do qual teve origem no critério da *American International Assurance*, que foi usado para avaliar os melhores bancos Africanos. O modelo tem uma classificação de 1 á 5 para cada componente, sendo 1 o melhor *rating* e 5 o pior.

Analogamente, recorreu-se a métodos qualitativos, mais concretamente a entrevistas e inquéritos, a fim de recolher o parecer dos “*players*” da Banca Angolana.

Fruto de toda essa investigação, conclui-se que Angola ainda tem um sistema bancário instável necessitando de melhorar os seus rácios, com maior ênfase no crédito malparado, desfazer-se da dependência que ainda tem do petróleo e repensar naquilo que são as Políticas de Supervisão Bancária.

Palavras-chave: Estabilidade Bancária, Sistema Bancário Angolano, Modelo CAMELS, Banco Central

Classificação JEL: G01, E50, C38

Abstract

This Dissertation seeks to ascertain the Angolan Banking Stability between 2010 and 2018.

This research uses several bibliographical sources as BIS, IMF, books by renowned authors, among others.

With regard to data, information from the IMF, World Bank, FED was used, a significant amount of information from the BNA Report.

Relatively to methodologies, the primary choice fell on the CAMELS model, which analyzes the soundness of a banking system, as through the indicators explored by this model that were selected taking into account the reality studied. CAMELS stands for: **C** - Capital Adequacy **A** - Assets Quality **M** - Management, **E** Earnings **L** - Liquidity **S** - Sensitivity to Market Risk (Market Risk Sensitivity) This was implemented through a benchmark that allows comparisons of selected bank indicators to be made against a benchmark, namely the American International Assurance criterion, which was used to evaluate the best African banks. The model is ranked from 1 to 5, for each component, with 1 being the best and 5 the worst.

Similarly, qualitative methods were also used, more specifically interviews and surveys, in order to be able to gather the opinion of the major players of the Angolan banking system.

As a result of all this research, it is possible to conclude that Angola still has an unstable banking system that needs to improve the ratios, with a greater emphasis on bad credit, the need to divest itself of its dependence on oil and rethink what bank oversight policies should be.

Keyword: Banking Stability, Angolan Banking System, CAMELS Model, Central Bank

JEL Classification: G01, E50, C38

Índice

Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II - Revisão da Literatura.....	3
Capítulo III - Metodologia e dados	11
Capítulo IV - Análise Empírica	29
Subcapítulo - Método Qualitativo	33
Capítulo VI - Conclusão.....	39
Referências Bibliográficas	41

Índice de Tabelas

Tabela 1.1 - Indicadores por componente no modelo CAMELS.....	2
Tabela 3.1 - Proposta Classificação modelo CAMELS.....	13
Tabela 3.2 - Rating por componente modelo CAMELS.....	19
Tabela 3.3 - Indicador por componente modelo CAMELS.....	20
Tabela 3.4 - Valores dos indicadores modelo CAMELS.....	20
Tabela 4.1 - Sistema Bancário Angola: Resumo da classificação por componente.....	30

Índice de Figuras

Figura 3.1 - Capital Adequacy Ratio	22
Figura 3.2 - Crédito Vencido.....	23
Figura 3.3 - Cost-to-Income.....	24
Figura 3.4 - Return on Equity	25
Figura 3.5 - Return on Assets.....	26
Figura 3.6 - Rácio de Transformação.....	27
Figura 3.7 - Exposição Cambial Líquida sobre Fundos Próprios.....	28
Figura 4.1 - Relação gráfica entre o PIB de Angola o preço do Petróleo	32
Figura 4.2 - Teste de Correlação entre o BIP de Angola e o preço do petróleo	32

Glossário de Siglas

AMHK - Autoridade Monetária de Hong Kong

BC - Banco Central

BCE - Banco Central Europeu

BIS - Bank for International Settlements

BM - Banco Mundial

BNA - Banco Nacional de Angola

BP - Banco de Portugal

FED - Federal Reserve Central Bank

FMI - Fundo Monetário Internacional

FT - Financial Times

HK - Hong Kong

IMF - International Monetary Found

EU - União Europeia

UK - Reino Unido

CAR - Capital Adequacy Ratio

ROE - Return on Equity

ROA - Return on Assets

Capítulo I - Introdução

Ao longo da história mundial, o sector bancário já enfrentou varias crises, sendo as de maior destaque o “Crash de 29” com o descalabro do mercado agrícola nos EUA que teve grandes implicações económico-financeiras (Reuters, Grandes crashes do mercado de ações, 2008) “A Crise dos Gigantes Asiáticos” em 1997 começando com a desvalorização da moeda tailandesa, desencadeando logo de seguida a quedas das moedas de outras potências asiáticas da altura, como Hong Kong e Coreia do Sul (Chan, 1999). Não poderíamos deixar de citar a famosa “Crise de Suprime” em 2008 fruto da bolha imobiliária que expos os bancos de uma forma insustentável (Onaran, 2018). Estas crises acima descritas serviram de aprendizagem para que se pudesse aprender com os erros passados a fim de não cometê-los novamente.

Segundo Paul Volcker, que foi conhecido por ser um dos presidentes do FED e conselheiro de Barack Obama (Federal Reserve History), afirma numa entrevista para a Forbes que a qualidade torna os bancos estáveis, destacando também que os bancos estão mais estáveis do que a dez anos atras, contudo ainda têm algumas falhas (Volcker, 2018). Estas declarações deste importante Banqueiro vêm sustentar a questão inicial da presente Dissertação de que é necessário alcançar para a estabilidade dos bancos e detetar as falhas que ainda deparam este sector.

Globalmente, este desafio de estabilizar o sector bancário também engloba o continente africano, que embora as suas crises bancárias não tenham uma contingência mundial, ainda assim têm de ser destacadas a fim de revolucioná-las.

Porém o grande foco nesta Dissertação é o Sistema Bancário Angolano, que a par das crises acima mencionadas, mesmo aconteceu com a banca Angolana que enfrentou uma enorme crise, neste caso fruto da queda do petróleo, recurso do qual era e ainda é dependente, mas isso veremos no percorrer da presente investigação (Brock, 2015).

Na investigação serão usados métodos quer quantitativos quer qualitativos. Os quantitativos serão baseados nos dados numéricos obtidos através das bases de dados. A fim de realizar algumas comparações, será usado o Eviews para poder medir a correlação existente entre Angola e os Países destacados para o estudo da Estabilidade Bancaria. No que diz respeito aos métodos qualitativos, basear-se-ão em entrevistas, inquéritos e formulário feitos, com vista a responder à pergunta de partida.

O modelo escolhido, CAMELS, já foi utilizado em outras investigações, como por exemplo, Sahajwala & Bergh (2000) que usaram o modelo CAMELS para avaliar o sistema bancário de vários Países do G10, tendo em vista também métodos de minimizar o risco bancário nos mesmos. Já no continente africano, Williams (2011) investiga o impacto das características dos bancos, estrutura financeira e indicadores macroeconómicos sobre bancos Base de capital no setor bancário nigeriano, usando os vários componentes do modelo CAMELS para poder analisar tais eventos.

Na presente investigação, serão usados dados do sector bancário Angolano, tendo em destaque o horizonte temporal compreendido de 2010 à 2018 (inclusive). A escolha recaiu neste

período pois para anos anteriores houve dificuldade na obtenção dos dados. Assim sendo, para obtenção dos dados, houve o cuidado de poder selecionar as fontes e bases mais credíveis possíveis a fim de dar uma maior exatidão nos resultados, sendo elas: a) International Monetary Fund (IMF Data); b) BNA; c) FRED; d) Bloomberg.

Consequentemente ao modelo escolhido, os indicadores selecionados respeitam a sua composição, sendo eles:

Tabela 1.1 -Indicadores por componente no modelo CAMELS

Sigla	Componente	Indicadores
C	Capital adequacy (adequação do capital)	CAR (Capital Adequacy Ratio)
A	Asset Quality (qualidade dos ativos)	NPL (Non Performance Loan)
M	Management (qualidade de Gestão)	Cust-ti-Income
E	Earnings (resultados)	ROA and ROE
L	Liquidity (Liquidez)	Rácio de Transformação
S	Sensivity to Market Risk (Sensibilidade ao Risco de Mercado)	Exposição cambial/fundos próp.

A escolha no modelo baseou-se na eficácia do mesmo em analisar a solidez de um banco, tanto quantitativa como qualitativamente, bem como os indicadores por este modelo explorados que foram selecionados, pois dentro da realidade estudada são os que foram possíveis de aplicar com uma maior exatidão possível. Após análise do mesmo, será feita a classificação de 1 à 5, tal como o modelo indica, para cada componente analisada. Para isto, teremos o apoio de um bechmark como base de comparação, que irá incidir-se no critério de valorimetria da tabela da American International Assurance que foi usado para avaliar os melhores bancos africanos.

Com a aplicação deste modelo, foi possível concluir que a estabilidade bancária angolana está a um nível médio, sendo que pelo *rating* proposto, resultou numa classificação 3, que demonstra ainda algumas lacunas no sistema bancário, sendo os mais relevantes o credito vencido e o cost-to-income, que apresentaram valores baixos.

Outro resultado da investigação, fruto do teste de correlação, é que Angola é fortemente correlacionado com o petróleo, tornando-o dependente deste recurso mineral, afetando também assim não só o desenvolvimento do País, mas também o seu Sistema Bancário.

Posto isso, nos demais capítulos estaremos a abordar uma curta contextualização da estabilidade bancaria em forma de funil, ou seja, do geral para o particular, como já foi acima descrito, seguindo-se a revisão da bibliografia capítulo 2). Posteriormente será apresentado a metodologia e os dados usados para esta investigação, assim como os resultados advindos dos mesmos (capítulo 4). Para além disso, irá ser explorado o método qualitativo com lugar a duas entrevistas e um inquérito/questionário. Por fim, teremos a conclusão da investigação que incluirá também ela algumas limitações deparadas e as projeções futuras capítulo 5).

Capítulo II - Revisão da Literatura

A presente Revisão da Literatura está dividida em algumas fases consecutivas, que visam retratar diferentes dimensões da questão científica, do geral para o particular. Numa primeira fase, importa destacar o papel da Estabilidade Bancária de uma forma geral, onde serão apresentadas algumas definições importantes, bem como os focos importantes dos mesmos. Seguidamente, será abordada a questão relativa ao tratamento da Estabilidade Bancária nos grandes centros mundiais, isto é, ter-se-á em conta o papel que a Estabilidade Bancária desempenha junto dos Bancos Centrais, com um maior enfoque nos mais influentes a nível Internacional. Posteriormente, teremos em consideração o impacto da Estabilidade Bancária sobre o continente Africano, em que tocar-se-á em questões preponderantes que contribuem e/ou poderão contribuir para a Estabilidade Bancária. Finalmente, centrar-se-á a presente investigação sobre aquele que realmente é o foco da investigação, que é o caso Angolano, que com o apoio das referências bibliográficas aqui revistas, ser-nos-á permitido responder à pergunta científica de partida que preside à presente Dissertação.

As referências bibliográficas que serão seguidamente apresentadas serão bastante úteis para a compreensão dos pontos-chave relativos à Estabilidade Bancária Angolana, quais as variáveis e os indicadores a usar, quais os mecanismos para atingir a referida Estabilidade Bancária e quais os pontos mais importantes para alcançar a Estabilidade Bancária. Com efeito, uma das questões mais importantes a responder diz respeito a se Angola detém um sistema Bancário estável ou não.

Não menos importantes do que as restantes referências apresentadas nesta fase, alguns relatórios são fundamentais para o desenrolar da presente pesquisa. Neste ponto, não estamos a falar simplesmente dos Relatórios & Contas, que certamente facultam um apoio crucial na recolha de alguns indicadores e rácios (esta parte será mencionada no ponto da base de dados), mas também de relatório publicados por entidades competentes na matéria em causa, como é o caso do FMI. No seu relatório sobre a estabilidade financeira mundial (FMI, 2018) , num dos seus capítulos menciona a evolução global dos últimos 10 anos, destacando certos pontos essenciais, quer sejam eles positivos ou negativos, durante esse período, bem como planos e traços que ajudam a fortalecer o sistema bancário mundial. Ao longo deste estudo vamos perceber que o FMI assume um peso extremamente importante no que concerne a Estabilidade Bancária de Angola, pois visa implementar algumas medidas com vista a auxiliar económica e financeiramente este País, que vai sofrendo alguns processos de estruturação fruto da crise sentida em 2013/2014.

Analogamente, para podermos responder à pergunta de partida apresentada anteriormente, também será necessário fazer um roteiro daquilo que tem sido a situação bancária em Angola. Tal como foi discursado pelo Presidente do Instituto de Estabilidade Financeira do B.I.S. na conferência do 20º aniversário (Restoy, 2019), é importante destacar a enorme importância de se fazer uma reflexão do passado, analisando o momento atual e projetar o futuro, podendo desta forma detetar o que correu menos bem, como é o caso das respostas a algumas crises e ciclos menos positivos e correspondente impacto sobre a situação bancária de um País (Angola), a fim de melhorar o mecanismo de

implementação de novas medidas ou até mesmo na utilização de modelos mais precisos, se for este o caso, de forma a planear um futuro melhor, pois com as medidas mais adequadas, é possível pelo menos fazê-lo com uma maior segurança e estabilidade económica, sendo que é este um dos principais objetivos que se ambiciona com a presente investigação.

Estabilidade Bancaria

O Banco Mundial define a estabilidade financeira/bancária, como sendo o período do sistema financeiro/bancário em que existe ausência de crises (World Bank, 2012). Já Segoviano e Goodhart (2009) afirmam que a estimativa adequada da dependência de emergência entre os bancos de um sistema é de suma importância para a vigilância da estabilidade do sistema bancário, defendendo que os supervisores financeiros reconhecem a importância de avaliar não apenas o risco bancário, isto é, grandes perdas e possível insolvência de um banco específico, mas também o impacto que esse evento teria sobre outros bancos no sistema.

A Estabilidade Bancária é um tema que já vem sendo abordado por alguns autores, porém no contexto africano e no caso específico da presente Dissertação (Angola), não é possível encontrar muitos estudos a este respeito. Huljak (2015) apresenta alguns pontos que se identificam com esta temática, como por exemplo, alguns fatores que influenciam a estabilidade (fatores macroeconômicos, financeiros e estruturais). Não obstante, o autor dá um maior enfoque ao mercado concorrencial bancário, concluindo que os bancos com mais poder de mercado são mais estáveis, e que o aumento da concorrência tem sido um fator que diminui a estabilidade do banco. Atualmente, e no caso vertente de Angola, este País tem 25 bancos registados, mas este número tem vindo a sofrer algumas atualizações, posto que neste momento este País enfrenta uma reestruturação económico-financeira encabeçada pelo FMI, que está presentemente a ter (e certamente terão ainda mais) múltiplas implicações bancárias. Com efeito, alguns bancos perderam as suas licenças por não cumprir determinados requisitos, como é o exemplo do Banco Mais e do Banco Postal (Reuters, 2019). Assim, a amostra utilizada neste artigo poderá ser usada na presente Dissertação, porém numa proporção mais reduzida devido à carência dos dados, o que não impede a realização de um levantamento de alguns dos bancos, com o propósito de analisar certos indicadores financeiros/bancários.

Dado que estamos a falar da estabilidade a nível internacional, nada melhor do que referenciar um sistema bancário estruturado como base de comparação. Jahn e Kick (2012) analisam o sistema bancário Alemão, atendendo à instabilidade vivida há alguns anos atrás, mais precisamente entre 2000 e 2005. Para isso, houve necessidade de centrar em algumas áreas específicas em análise, como por exemplo, variáveis financeiras, macroeconómicas, e estruturais, indicadores macro-prudenciais e de estabilidade, entre outros. O objetivo deste documento é fornecer uma ferramenta para que os supervisores bancários monitorem e avaliem a estabilidade do sistema bancário e seus determinantes, abordando assim duas questões de pesquisa: Primeiro, devido aos períodos de instabilidade do sistema bancário, desenvolvem um mecanismo de previsão para um indicador de estabilidade do sistema bancário alemão; em segundo lugar, analisam o impacto da ação

macro-prudencial sobre os principais indicadores para o sistema bancário alemão. O estudo empírico baseia-se em dados confidenciais de relatórios de supervisão fornecidos pelo Deutsche Bundesbank, em que foram aplicadas técnicas de regressão de painel. Com a investigação concluiu-se que os indicadores de preços, indicadores antecedentes do ciclo de negócios e indicadores do mercado monetário provam ser indicadores de aviso prévio relevante e significativo na estabilidade do sistema bancário Alemão.

Fang, Hasan e Marton (2014) abordam pontos importantes para a estabilidade bancária de um País, como o risco bancário, reformas governamentais e alguns indicadores-chave para medir a estabilidade quer bancária quer financeira, como os rácios de Liquidez, de Capital e de Rendibilidade. Os mesmos podem ser aplicáveis ao caso Angolano e assim usá-los de igual modo para medir a solidez do Sistema Bancário.

Como já foi acima mencionado, o Banco Central (BC) de um País tem um papel fundamental naquilo que é a estrutura bancária de um País. El-Erian (2016) retrata temas como a influência do Banco Central naquilo que se traduz a estabilidade ou instabilidade bancária e/ou financeira de um País, bem como quais comportamentos a ter em conta em novas situações de crise. Este autor começou a sua abordagem com a crise global de 2008, explicando como e por que os bancos centrais se tornaram os principais atores políticos e, o mais importante, por que eles não podem continuar a ter esse papel isolados. Segundo El-Erian, os BC's foram firmando a sua posição na estrutura financeira dos Países, todavia ainda existem algumas barreiras que deverão ser ultrapassadas para garantir uma estabilidade bancária e financeira mais duradoura. Nesta obra, para poder desmistificar as várias vertentes existentes em torno dos BC's, o autor usa como exemplo as grandes praças internacionais - o FED, BCE, BofE, AMHK. O livro sob apreço não se limita apenas em citar quais os problemas, riscos e desafios dos BC's, mas explora igualmente o que deve ser feito perante tais tensões financeiras/económicas, quais as respetivas consequências de algumas decisões, e apresenta várias possíveis soluções para assim alcançar a devida estabilidade que qualquer instituição bancária deseja, como por exemplo uma maior comunicação social e maior transparência bancária.

Ainda no tópico dos BC's, Selgin, Dowd e Bedard (2018) seguem uma linha um pouco distinta dos restantes autores, defendendo que é possível um País adotar um sistema bancário estável sem a intervenção de um banco central. Para sustentar esta linha de argumentação, os autores mencionam factos de alguns Sistemas Bancários cuja realidade seja essa, como por exemplo, a Escócia e o Canadá que eram considerados Países com uma filosofia "free banking", os autores são apologistas que os mesmos desfrutaram de maior estabilidade financeira, com menos crises bancárias, do que o sistema inglês com seu banco central e o modelo dos EUA com sua regulamentação governamental deficiente, defendendo também que a criação do Federal Reserve parece ter aumentado a frequência de crises financeiras. Neste livro, os autores sublinham que o banco central tem certas desvantagens como por exemplo problemas de crédito bancário, a insolvência ou a falta de liquidez, que torna questionável a sua eficácia no que concerne a instabilidade bancária de um País.

Centrando neste momento mais no Continente Africano, Triki, Kouki, Calice e Ben Dhaou (2017) enfatizaram questões relacionadas com a regulação e supervisão bancária, mas direcionado para a realidade Africana. Neste, os autores enfatizam questões mais normativas, como a legislação financeira e a supervisão bancária, sem as quais colocam-se em causa o rigor e a credibilidade dada a questões tão minuciosas como são estas as bancárias. Os autores referem que se torna extremamente importante criar e cimentar normas e regulamentos, capazes de serem postos em prática pelos intervenientes deste sector, reforçando, como este artigo sugere, por recurso a várias restrições e requisitos, como por exemplo, restrição de capital global, restrições à entrada no setor bancário, restrições às atividades bancárias, requisitos de transparência, restrições à saída de bancário, requisitos de liquidez, diversificação e assim por diante. Restrições e requisitos esses que podemos relacioná-los com as 3 fases dos acordos de Basileia, que é considerados por muitos, um dos guias mais importantes, senão o mais importante, para a questão da estabilidade bancária na esmagadora maioria dos sistemas bancários.

Ferreira e Soares de Oliveira (2019) fazem um apanhado da situação Angolana desde o fim da guerra até os dias de hoje, realçando questões da Política Monetária do País. Aqui, foi feita menção dos maiores bancos e dos mais influentes do País, analisando-os com base em variáveis preponderantes para a Estabilidade Bancaria, como por exemplo, o ROA, ROE, créditos, depósitos e etc. Como também não poderia deixar de ser, tocou-se no ponto mais crítico do crescimento e abrandamento da economia Angolana em função da oscilação do preço internacional do petróleo, que, segundo os autores, contribui positivamente para o crescimento económico Angolano, fazendo com que Angola se tornasse numa das maiores economias africanas. Mas quando o seu preço desce notamos os impactos negativos que causa na economia angolana, conseqüentemente, no seu sistema bancário. A par das questões já citadas, o artigo também faz alusão à influência da situação política no sistema bancário, nomeadamente através do MPLA, que é, sem margem para dúvidas, o partido dominante desde que Angola tornou-se num País independente.

Com base nisto, Benkhodja (2014) aborda a ‘doença holandesa’ –“Dutch Disease”- numa economia, que consiste no crescimento excessivo do peso do setor dos recursos naturais à custa do decréscimo do peso do setor industrial. Muito embora este recurso energético tenha funcionado como boia de salvação para a economia angolana, teve a longo prazo uma repercussão negativa visível em proporções maiores em alturas de queda do seu preço. Podemos verificar com dados extraídos pelo Banco Mundial, e FRED, que o gráfico da variação do preço do petróleo e do PIB de Angola, que o comportamento é idêntico, e para reforçar foi feita uma replicação das duas variáveis econometricamente, pelo Eviews, que existe uma correlação de 0,67 que, segundo M.Callegari-Jacques (2009) é considerada forte (Tabela 7). Assim, vemos que a economia Angolana é fortemente dependente deste recurso, variando à medida que este também varia. Dessa maneira, este artigo de Benhora (2014) aponta para alguns exemplos de Países em desenvolvimento que são dependentes de um mineral, trazendo várias implicações para a sua autonomia financeira, porque os lucros provenientes deste não têm contribuído para a diversificação da economia do País.

Outros documentos retratam igualmente a realidade de Países Africanos idênticos ao de Angola, realçando novamente a questão da “Doença Holandesa”, tal como é o caso da África do Sul (carvão) e Nigéria (petróleo). No tocante à África do Sul, Cuba (2018) aborda o seu sistema bancário antes e após a crise, com maior ênfase nas questões relacionadas com o lucro/prejuízo bancário. O autor indica alguns pontos referentes ao seu desenvolvimento bancário após a Crise Financeira Global verificada em 2008, sublinhando sobretudo o seu impacto no lucro. No tocante à Nigéria, Matousek & Solomon (2018) fazem menção à importância da Política Monetária para reestruturação bancária do País, em que foi usado um estimador (GMM) numa amostra de 23 bancos, concluindo que o crescimento do crédito é mais sensível às mudanças na capitalização.

Modelo CAMELS

Nos anos 80, as autoridades de supervisão dos EUA, através do uso do sistema de classificação CAMEL, foram os primeiros a introduzir classificações para exames de instituições bancárias. O conceito introduziu um sistema uniforme de classificação de uma instituição bancária nos Estados Unidos. É baseado na avaliação do examinador de uma instituição bancária sob certos critérios de supervisão, que é usado por todas as três agências, isto é, o Sistema da Reserva Federal, o Gabinete do Controlador da Moeda (OCC) e o Corporação de Seguro de Depósito Federal (FDIC). Sob este sistema, cada instituição bancária sujeita a exame no local é avaliada com base em seis dimensões críticas relativas às suas operações e desempenho, que são referidos como os fatores componentes. Cada um dos fatores componentes são classificados numa escala de 1 (melhor) a 5 (pior). Um *rating* composto é atribuído como um resumo das classificações do componente e é considerado como o principal indicador da condição financeira atual de um banco. A classificação composta varia entre 1 (melhor) e 5 (pior), e também envolve uma certa quantidade de subjetividade com base na avaliação global dos examinadores da instituição, tendo em vista as avaliações individuais dos componentes (Sahajwala & Bergh, 2000).

A literatura acadêmica mostra efetivamente que as classificações do CAMELS, como medidas resumidas das informações de supervisão privadas recolhidas durante os exames bancários, contêm informações úteis tanto para a supervisão quanto para a monitorização pública dos bancos comerciais. Uma questão política relevante é se os supervisores podem se beneficiar divulgando as classificações do CAMELS ao público. Tal divulgação poderia beneficiar os supervisores, melhorando a eficácia bancária e aumentando a eficiência da disciplina de mercado aplicada aos bancos (Lopez, 1999).

Após a sua implementação, muitas são as instituições que usam o modelo CAMELS como elemento de avaliação. Barr et al, (2002) afirma que a classificação CAMELS se tornou quase que uma ferramenta indispensável para os examinadores e reguladores.

Derviz e Podpiera (2008) utilizaram também eles o modelo CAMELS, desta feita para investigar os determinantes dos movimentos na capital gestão de ativos-lucros-liquidez-sensibilidade ao risco de

mercado e os *ratings* do banco Standard & Poors (S & P) na República Tcheca durante os períodos em que os três maiores bancos, representando aproximadamente 60% do banco bancário ativos totais do setor, foram privatizados pela primeira vez (1998–2001) e tiveram tempo para operar sob novos proprietários (2002–2005). A mesma lista de variáveis explicativas empregadas pelos reguladores do sector bancário do Banco Nacional da República Checa, correspondentes à classificação CAMELS, é examinada para ambas as classificações para selecionar seus preditores significativos. Utilizou-se um modelo logit de resposta ordenada para analisar a classificação S & P de longo prazo e estrutura de dados em painel para a classificação CAMELS. Encontramos poder explicativo significativo para a adequação de capital, *spread* de financiamento, o rácio do total de empréstimos em relação ao total de ativos, o valor em risco para ativos totais e alavancagem.

Já Williams (2011) investiga as características dos bancos, estrutura financeira e indicadores macroeconómicos sobre a base de capital no Setor Bancário Nigeriano. O estudo não considera a análise da razão no cálculo da adequação de capital, mas sim examina o determinante da adequação de capital na Nigéria durante o período de 1980 a 2008 uma estrutura de correção de erros. Após a adequação de capital global da crise de crédito, sendo crítico para os bancos, levou o estudo a examinar a relação entre a base de capital dos bancos e as variáveis macroeconómicas. Isso implica que a estabilidade política pode reduzir o desconforto financeiro e afetar o capital do Banco na maioria dos Países em desenvolvimento no período de crise financeira. À luz da crise bancária nos últimos anos em todo o mundo, o CAMEL é uma ferramenta útil para examinar a segurança e solidez dos bancos e ajudar a mitigar os riscos potenciais que podem levar a falências bancárias. O problema de pesquisa foi explorado quantitativamente analisando o desempenho geral de um banco. Embora este estudo seja baseado em dados e figuras numéricas, trata-se de um estudo qualitativo. Os resultados revelaram que CAMEL sistema de classificação é uma ferramenta de supervisão útil nos EUA, CAMEL abordagem de análise é benéfica, pois é uma classificação padronizada internacionalmente e fornece flexibilidade entre exame no local e fora do local.

Rostami (2015) também procura avaliar o desempenho de um banco Iraniano, sendo que para tal, considera alguns indicadores financeiros importantes e forças e fraquezas, usando desta forma o modelo "CAMELS", que é uma forma de calcular e avaliar o desempenho dos bancos e instituições financeiras. Os dados usados neste estudo foram recolhidos de relatórios financeiros anuais de um banco iraniano e no final, concluindo assim que os mesmos podem concentrar-se no risco e em algumas proporções importantes e tentar gerir e controlar algumas possíveis crises.

Desta (2016) analisou o desempenho financeiro dos bancos africanos, onde foram observados, de 2012 a 2014, sete entre os 30 melhores bancos africanos. Aplicou o CAMEL classificação de componentes e componentes. O estudo constatou que os bancos são classificados como fortes e satisfatório quando classificados em termos de índice de adequação de capital e capacidade de lucro. Porém, foram classificados como menos satisfatórios, deficientes e criticamente deficientes quando classificados em termos de qualidade de ativos, qualidade de gestão e liquidez.

Para usarmos o modelo CAMELS, como já foi anteriormente mencionado, é necessário ter valores para usar como critério de referência. Desta forma, usa-se o que se chama de “Benchmark”.

Benchmarking é uma busca pelas melhores práticas do setor, que levarão a um desempenho excepcional através da implementação dessas melhores práticas. Impulsionada pelas pressões competitivas e pelos sucessos revolucionários das empresas na descoberta e implementação das “melhores práticas” de outros, o benchmarking tornou-se rapidamente uma prática padrão entre as principais organizações. (Partovi, 1994)

No seu estudo de vários Países dos G10, Sahajwala & Bergh (2000) usam benchmarks como diretrizes para cada componente fornecida, apresentando fundamentos essenciais sobre os quais a classificação composta é baseada.

A medição comparativa através de benchmarks ajuda a identificar problemas e oportunidades e também testa hipóteses e “intuições” sobre desempenho, e avaliação comparativa oferece a uma organização cliente uma oportunidade de mudar e melhorar (Stapenhurst, 2009).

Capítulo III - Metodologia e dados

Nesta secção iremos falar da metodologia e dos dados a utilizar para obter os resultados empíricos relativos à presente investigação. Segundo Yin (1994) não existe nenhum método que seja melhor ou pior que algum outro, o que se deve é procurar uma melhor adequação entre os métodos, objectivos e as condições nas quais uma pesquisa está a ser realizada.

Modelo CAMELS

A busca contínua por indicadores confiáveis no setor bancário gera uma preocupação aceitável na comunidade de economistas e formuladores de políticas de investigação sobre a relação entre as várias classificações de solidez dos bancos, indicadores e informações de supervisão. Este sistema de classificação de análise de um banco não é apenas uma ferramenta de supervisão generalizada, mas também um dos poucos quantificadores aceites como noção de segurança bancária. Indicadores de bancos são frequentemente comparados com os CAMELS na identificação ou previsão eventos de crise (Derviz & Podpiera, 2008). Com vista a avaliar a solidez das instituições financeiras e identificar as que carecem de uma atenção especial, o Sistema Uniforme de Avaliação de Instituições (UFIRS)¹ adotou em 1979 uma ferramenta, considerada eficaz, cujo nome é CAMELS, sendo esta uma sigla que decifrada cada letra significa: **C** – Capital Adequacy (adequação do capital) **A** – Assets Quality (Qualidade dos Ativos) **M** (Management (Qualidade de Gestão), **E** Earnings (Resultados) **L** – Liquidity (Liquidez) **S** - Sensivity to Market Risk (Sensibilidade ao Risco de Mercado).

Contudo, nem sempre o modelo teve estas 6 componentes, sendo que apenas em 1996, num esforço para tornar o sistema de classificação mais focado no risco, um sexto (a sensibilidade ao risco de mercado) foi adicionada à classificação CAMEL, tornando-se CAMELS (Sahajwala & Bergh, 2000).

As classificações de cada componente são atribuídas com base numa escala numérica de 1 a 5, com 1 indicando a mais alta classificação, práticas de desempenho e gestão de risco mais fortes e grau de preocupação de supervisão. Uma classificação de 5 indica a classificação mais baixa, o desempenho mais fraco e práticas de gestão de risco, e maior grau de preocupação de supervisão.

A classificação de cada componente é baseada numa análise qualitativa e quantitativa dos fatores que compõem componente e sua inter-relação com outros componentes. Ao atribuir um composto classificação, alguns componentes podem receber mais peso do que outros (UFIRS, 1996).

Classificação por componentes

Classificação 1: As instituições financeiras neste grupo são sólidas em todos os aspetos e geralmente têm componentes classificados como 1 ou 2. Quaisquer fraquezas são pequenas e podem ser tratadas de maneira simples pelo conselho de administração e pela administração. Essas instituições

¹ - *Uniform Financial Institutions Rating System*

financeiras estão em conformidade substancial com leis e regulamentos. Como resultado, essas instituições financeiras exibem práticas de desempenho e gestão de risco mais fortes em relação ao tamanho, complexidade e perfil de risco da instituição, não dando motivos para preocupações de supervisão. (FED, 1996)

Classificação 2: As instituições financeiras desse grupo são fundamentalmente sólidas. Para uma instituição financeira receber esse rating, geralmente nenhum rating de componente deve ser mais severo do que 3. Apenas fraquezas moderadas estão presentes e estão bem dentro das capacidades e disposição do conselho de diretores e da administração para corrigir. Essas instituições financeiras são estáveis e capazes de resistir a flutuações de negócios. Essas instituições financeiras estão em conformidade substancial com leis e regulamentos. As práticas gerais de gestão de risco são satisfatórias em relação ao tamanho, complexidade e perfil de risco da instituição. Não há preocupações materiais de supervisão e, como resultado, a resposta de supervisão é informal e limitada. (FED, 1996)

Classificação 3: As instituições financeiras neste grupo apresentam algum grau de preocupação de supervisão numa ou mais das áreas componentes. Essas instituições financeiras exibem numa combinação de fraquezas que podem variar de moderadas a graves; no entanto, a magnitude das deficiências geralmente não fará com que um componente seja avaliado com uma classificação mais severa do que 4. A gerência pode não ter a capacidade ou a disposição de tratar efetivamente os pontos fracos dentro dos prazos apropriados. As instituições financeiras desse grupo geralmente são menos capazes de resistir a flutuações de negócios e são mais vulneráveis a influências externas do que aquelas que avaliam um composto 1 ou 2. Além disso, essas instituições financeiras podem estar em significativa não conformidade com leis e regulamentos. As práticas de gestão de risco podem ser menos que satisfatórias em relação ao tamanho da instituição, complexidade e perfil de risco. Essas instituições financeiras exigem mais do que a supervisão normal, o que pode incluir ações formais ou informais de execução. (FED, 1996)

Componente 4: As instituições financeiras deste grupo geralmente exibem práticas ou condições inseguras. Existem sérias deficiências financeiras ou gerenciais que resultam em desempenho insatisfatório. Os problemas variam de severos a criticamente deficientes. As fraquezas e problemas não estão sendo satisfatoriamente abordados ou resolvidos pelo conselho de administração e pela administração. As instituições financeiras desse grupo geralmente não são capazes de resistir a flutuações do volume de negócios. Pode haver um incumprimento significativo de leis e regulamentos. As práticas de gestão de risco são geralmente inaceitáveis em relação ao tamanho, complexidade e perfil de risco da instituição. É necessária uma atenção de supervisão rigorosa, o que significa que, na maioria dos casos, é necessária uma ação formal de aplicação para resolver os problemas. As instituições deste grupo representam um risco para o fundo de seguro de depósito. A falha é uma possibilidade distinta se os problemas e fraquezas não forem satisfatoriamente abordados e resolvidos (FED, 1996).

Componente 5: As instituições financeiras desse grupo exibem práticas ou condições extremamente inseguras e inseguras; exibem um desempenho criticamente deficiente; muitas vezes contêm práticas

inadequadas de gestão de risco em relação ao tamanho, complexidade e perfil de risco da instituição; e são da maior preocupação de supervisão. O volume e a gravidade dos problemas estão além da capacidade ou disposição da administração para controlar ou corrigir. É necessária assistência financeira externa imediata ou outra assistência para que a instituição financeira seja viável. A atenção supervisora contínua é necessária. Instituições neste grupo representam um risco significativo para o fundo de seguro de depósito e a falha é altamente provável (FED, 1996).

Tabela 3.1 - Proposta Classificação modelo CAMELS

Classif.	Avaliação	Análise	Exposição	Interpretação
1	1 - 1,4	Excelente	Máximo	O banco supera a média em todos os aspetos e é considerado seguríssimo.
2	1,6 - 2,4	Superior	Moderado	Superior do que a média, mas não notável em todos os aspetos. É considerado seguro.
3	2,6 - 3,4	Média	Mínimo	Um banco bom e bem administrado que atende todos os principais padrões.
4	3,6 - 4,4	Inferior	Não Recomendado	O banco demonstra uma grande fraqueza que, se não corrigida, poderia levar a uma muito grave ou insatisfatória condição que ameaçará sua existência.
5	4,6 - 5	Duvidoso	Não Recomendado	A saúde financeira do banco é precária. Se não for corrigido existe uma grande probabilidade de Insolvência.

Fonte: (American International Assurance , 1996)

Componentes do CAMELS

Nesta secção, iremos ter em conta a especificidade de cada componente do modelo CAMELS.

C- Capital Adenquacy (Adequação do capital)

Na primeira letra do modelo apresentado, temos o Capital Adequacy, que sempre foi uma preocupação para as supervisões bancária. Contemplado nos acordos de Basileia, mais especificamente o Basel I e o Basel II. Com as bases de supervisão dos bancos internacionalmente ativos estabelecidas, a adequação de capital logo se tornou o foco principal das atividades do Comitê, culminando assim em 1988, aprovado pelos Governadores do G10 o Basel I – Acordo de capital. Contudo em 1999 o comité emitiu uma proposta de uma estruturação da adequação de capital, que viria ser assinada em 2004, em substituição do primeiro intitulada como Basel II- Novo Marco do Capital, em que os focos foram os requisitos mínimos de capital, solidez e disciplina do mercado. Por fim, em resposta à crise financeira entre 2007-2009, com mais ênfase no caso “Subprime” ou “crise Lehman

Brothers”, o Comité de Basileia emitiu um novo acordo, mas desta vez ampliando mais questões relacionadas com o risco de liquidez (BIS, 2018).

Espera-se que uma instituição financeira mantenha um capital compatível com a natureza e a extensão dos riscos para a instituição e a capacidade da administração de identificar, medir, monitorar e controlar esses riscos. O efeito de crédito, mercado e outros riscos na condição financeira da instituição deve ser considerado ao avaliar a adequação do capital. Os tipos e a quantidade de risco inerente às atividades de uma instituição determinarão até que ponto pode ser necessário manter o capital em níveis acima dos mínimos regulatórios exigidos para refletir adequadamente as consequências potencialmente adversas que esses riscos podem ter sobre o capital da instituição. (FED, 1996)

A adequação de capital e disponibilidade em última instância determinam a robustez das instituições financeiras para resistir a choques nos seus balanços. Agregar rácios de capital baseados no risco (por exemplo, o rácio capital regulatório para ativos ponderados pelo risco), CAR solvabilidade, etc, são os indicadores comuns de adequação de capital. Índices simples de alavancagem, como a relação entre capital para ativos, muitas vezes complementam essa medida. A tendência adversa nestes rácios pode sinalizar exposição a riscos e possíveis problemas de adequação de capital. Em muitos Países, o capital bancário consiste em diferentes elementos que têm disponibilidade e capacidade variadas para absorver perdas, mesmo dentro das grandes categorias de Tier 1, Tier 2 e Tier 3 capital. Se esses elementos de capital podem ser relatados separadamente, eles podem servir como indicadores da capacidade dos bancos para suportar perdas e ajudar a colocar os rácios globais de capital no contexto (IMF, 2006). A adequação de capital é o capital esperado para manter o equilíbrio com a exposição ao risco instituição financeira, tais como risco de crédito, risco de mercado e risco operacional, a fim de absorver as perdas potenciais e proteger o detentor da dívida da instituição financeira (Dang, 2011).

A - Asset Quality (Qualidade do Ativo)

O *rating* de qualidade de ativos reflete a quantidade de risco de crédito existente e potencial associado às carteiras de empréstimos e investimentos, outros ativos imobiliários e outros ativos, além de transações fora do balanço patrimonial. A capacidade da administração de identificar, medir, monitorar e controlar o risco de crédito também é refletida aqui. A avaliação da qualidade dos ativos deve considerar a adequação da provisão para créditos de liquidação duvidosa e ponderar a exposição a contrapartes, emissores ou vencidos em contratos reais ou implícitos. Todos os outros riscos que possam afetar o valor ou a comercialização dos ativos de uma instituição, incluindo, mas não se limitando a, riscos operacionais, de mercado, de reputação, estratégicos ou de conformidade também devem ser considerados (FED, 1996).

Ativos Financeiros para Ativos/Empréstimos para ativos/Ativos permanentes para ativos, índices de qualidade dos ativos são um dos principais riscos que os bancos enfrentam. Como os

empréstimos têm o maior risco de incumprimento, um número crescente de incumprimento dos empréstimos mostra uma deterioração da qualidade dos ativos. (Rostami, 2015)

Frost (2004) destaca que os indicadores de qualidade de ativos destacam o uso de rácios de empréstimos em execução (NPL's), que são o indicador da qualidade dos ativos, e/ou Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa. Conforme definido no sistema de classificação usual, os empréstimos incluem cinco categorias: padrão, menção especial, abaixo do padrão, duvidosa e perda. Nos NPL são consideradas as três categorias mais baixas que estão vencidas ou para as quais o interesse não foi pago pela norma internacional de 90 dias. Em alguns Países, reguladores permite um período mais longo, tipicamente 180 dias (Dang, 2011).

Riscos para a solvência das instituições financeiras mais frequentemente derivam de uma imparidade de activos, que por sua vez, pode resultar de uma deterioração da saúde e rentabilidade dos mutuários das instituições, especialmente o setor de empresas não financeiras (discutido abaixo). O rácio de empréstimos em atraso para o total de empréstimos brutos é frequentemente usado como para a qualidade de ativos. O rácio de cobertura - a proporção de provisões para NPL's - fornece uma medida da parte dos créditos malparados para os quais já foram feitos. Este indicador pode ajudar detetar situações em que os tomadores de depósitos possam ter que os levar a atrasar a resolução de problemas de qualidade que pode se tornar mais sério com o tempo. Por este motivo, as regras são fundamentais para obter um índice de capital significativo, sendo que essas mesmas regras de classificação de empréstimos são geralmente determinantes do nível de provisionamento, que por sua vez afeta o capital indiretamente (IMF, Financial Soundness Indicators , 2006).

M – Management (Qualidade de gestão)

A capacidade do conselho de administração e da gerência, nas suas respetivas funções de identificar, medir, monitorar e controlar os riscos das atividades de uma instituição e garantir a operação segura, sólida e eficiente de uma instituição financeira em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis. é refletido nessa classificação. Geralmente, os diretores não precisam de estar ativamente envolvidos nas operações do dia-a-dia; no entanto, eles devem fornecer orientações claras sobre os níveis aceitáveis de exposição ao risco e garantir que políticas, procedimentos e práticas apropriadas tenham sido estabelecidos. A gerência sênior é responsável pelo desenvolvimento e implementação de políticas, procedimentos e práticas que traduzam as metas, objetivos e limites de risco da diretoria em padrões operacionais prudentes.

Dependendo da natureza e do âmbito das atividades de uma instituição, as práticas de gestão podem precisar tratar alguns ou todos os riscos a seguir: crédito, mercado, operacional ou transação, reputação, estratégico, conformidade, legal, liquidez e outros riscos. Boas práticas de gestão são demonstradas por: supervisão ativa do conselho de administração e gestão; pessoal competente; políticas, processos e controlos adequados, levando em consideração o tamanho e a sofisticação da instituição; manutenção de um programa de auditoria apropriado e ambiente de controlo interno; e sistemas eficazes de monitorização e gestão de riscos. Essa classificação deve refletir a capacidade do conselho e da administração, pois se aplica a todos os aspetos das operações

bancárias, bem como a outras atividades de serviços financeiros em que a instituição esteja envolvida (FED, 1996).

Como a gestão é uma questão qualitativa, a capacidade de assumir riscos, é geralmente difícil medir a qualidade da gestão. A qualidade de gestão de um banco pode ser medida por algumas razões importantes são usadas no modelo CAMELS. (Rostami, 2015)

Uma categoria de ativos mais importante é a carteira de empréstimos; o maior risco que o banco enfrenta é o risco de perdas com empréstimos derivados dos empréstimos vencidos. O analista de crédito deve levar a avaliação da qualidade dos ativos, realizando a gestão do risco de crédito e avaliação da qualidade da carteira de crédito usando análise de tendências e comparação de pares (Dang, 2011).

E - Earnings (Ganhos/Resultados)

Essa classificação reflete não apenas a quantidade e a tendência dos ganhos, mas também os fatores que podem afetar a sustentabilidade ou a qualidade dos ganhos. A quantidade e a qualidade dos ganhos podem ser afetadas por um risco de crédito excessivo ou inadequado, que pode resultar em perdas com empréstimos e exigir acréscimos na provisão para perdas com empréstimos e arrendamentos, ou por altos níveis de risco de mercado que possam expor indevidamente o risco de crédito de uma instituição. A qualidade dos ganhos também pode ser diminuída pela confiança indevida em ganhos extraordinários, eventos não recorrentes ou efeitos fiscais favoráveis. Ganhos futuros podem ser adversamente afetados por uma incapacidade de prever ou controlar despesas de financiamento e operacionais, estratégias de negócios mal executadas ou mal orientadas, ou exposição mal gerenciada ou descontrolada a outros riscos (FED, 1996).

L – Liquidity (Liquidez)

Ao avaliar a adequação da posição de liquidez de uma instituição financeira, deve-se considerar o nível atual e as fontes prospectivas de liquidez em relação às necessidades de financiamento, bem como a adequação das práticas de gestão de fundos em relação ao tamanho, complexidade e perfil de risco da instituição. Em geral, as práticas de gestão de fundos devem garantir que uma instituição seja capaz de manter um nível de liquidez suficiente para cumprir suas obrigações financeiras em tempo hábil e para atender às necessidades bancárias legítimas de sua comunidade. As práticas devem refletir a capacidade da instituição de gerir mudanças não planejadas em fontes de recursos, bem como reagir a mudanças nas condições de mercado que afetam a capacidade de liquidar rapidamente ativos com perda mínima (FED, 1996).

O nível de liquidez influencia a capacidade de um sistema bancário para resistir a choques. Por exemplo, um grande choque, contribuindo para as perdas de crédito ou de mercado, poderia causar uma perda de confiança no setor bancário por participantes do mercado ou depositantes. Por sua vez, poderia resultar numa crise de liquidez que tem o potencial para empurrar bancos solventes em

insolvência, porque se eles perdem o acesso ao financiamento, poderiam ser forçados a vender ativos a preços deprimidos para obter liquidez.

Uma medida comum de liquidez é o ativo líquido ao total dos ativos (índice de ativos líquidos), que indica muita diminuição do balanço que o setor poderia absorver antes de ser forçado a vender ativos ilíquidos. Outra medida de liquidez é o rácio de activos líquidos para passivos de curto prazo, que indica a curto prazo passivos que teriam que ser cobertos pela venda de ativos se o acesso ao financiamento fosse perdido. Estes indicadores podem destacar as diferenças de maturidade excessiva e uma necessidade para uma gestão de liquidez mais cuidadoso. O rácio de crédito total/depósito, conhecido como índice de transformação, também é várias vezes usado para detetar problemas de liquidez - proporção pode indicar potencial stress de liquidez no sistema bancário e, talvez, uma perda de depositantes e confiança dos investidores na viabilidade a longo prazo do setor. Tais indicadores de exposição a movimentos de capital ressaltam a relevância da análise macro-prudencial para a avaliação de vulnerabilidade (IMF, Indicators , 2006)

O risco de liquidez mede a capacidade de uma instituição capacidade de atender a fundos imprevistos que são reivindicados por depositantes. Espera-se que os rácios de liquidez sejam ambos positiva e negativamente relacionada com a probabilidade de falha aqueles são definidos no modelo (Rostami, 2015).

S - Sensibilidade (S)

A sensibilidade ao componente de risco de mercado reflete o grau em que as mudanças nas taxas de juros, taxas de câmbio, ou preços de ações podem afetar adversamente os lucros ou o capital econômico de uma instituição financeira, ou até mesmo a Exposição Cambial líquida sobre Fundos Próprios. Ao avaliar este componente, deve-se considerar: a capacidade da administração de identificar, medir, monitorar e controlar o risco de mercado; o tamanho da instituição; a natureza e a complexidade de suas atividades; e a adequação de seu capital e ganhos em relação ao seu nível de exposição ao risco de mercado. Para muitas instituições, a principal fonte de risco de mercado decorre de posições não comerciais e sua sensibilidade a mudanças nas taxas de juros. Em algumas instituições maiores, as operações estrangeiras podem ser uma fonte significativa de risco de mercado. Para algumas instituições, as atividades de negociação são uma importante fonte de risco de mercado (FED, 1996).

Os rácios de sensibilidade estão relacionados com o risco, sendo estes definidos e calculado para finalizar o modelo de desempenho do banco porque indicadores de risco é muito importante e destacado Modelo CAMELS. (Rostami, 2015)

À medida que os bancos se tornam cada vez mais envolvidos em operações diversificadas e assumem posições em instrumentos, eles tornam-se mais expostos ao risco de perdas decorrentes de variações nos preços de mercado – risco de mercado. Os componentes mais relevantes de risco de mercado são taxa de juros e risco cambial. (IMF, 2006)

Benchmarking

Desenvolver uma definição única e abrangente de benchmarking não é fácil. Isto é comumente aplicado a uma ampla variedade de atividades que as organizações comparam os seus níveis de desempenho com os outros e/ou identificam, adaptam e adotam práticas que eles acreditam que irão melhorar seu desempenho. O benchmarking avançou nos últimos 40 anos e agora existem muitas razões pelas quais as organizações fazem benchmark e muitos benefícios que elas obtêm. Melhoria de desempenho, orçamentação, teste de ideias, resolução de problemas técnicos e resolução de litígios são apenas algumas das razões pelas quais as organizações de referência hoje (Stapenhurst, 2009).

Em curtas palavras, Lenet (2018) defende que o benchmarking serve para avaliar ou verificar por comparação com um padrão.

Benchmarking é a busca pelas melhores práticas do setor, que levarão a um desempenho excepcional através da implementação dessas melhores práticas. Impulsionada pelas pressões competitivas, o benchmarking tornou-se rapidamente uma prática padrão entre as principais organizações (Partovi, 1994).

O benchmarking é o processo que identifica uma área para melhoria e termina com a melhoria da qualidade dos produtos e serviços. Os benchmarks são comparações de dados, como números de desempenho de saída. Eles pode ser um indicador do que você deve melhorar e de quem você deveria estar aprendendo. Benchmarking não significa simplesmente recolher e comparar benchmarks ou outros números de desempenho com instituições (APO, 2005).

Posto isso, podemos concluir que existem dois aspetos comuns a muitos benchmarkings: Comparação dos níveis de desempenho para determinar qual (is) organização (ões) que têm níveis de desempenho superiores; e Identificação, adaptação / aprimoramento e adoção das práticas que levar a esses níveis superiores de desempenho (Stapenhurst, 2009).

Desta forma, como critério de comparação (Anexo G), temos a seguinte tabela:

Tabela 3.2 - Rating por componente modelo CAMELS

CAMEL Component	Ratio's Rating				
	1	2	3	4	5
Capital Adequacy Ratio	> 15%	12 – 14.99%	8 – 11.99%	7 – 7.99%	< 6.99%
Asset Quality Ratio (NPLs/TL)	< 1.25%	< 2.5 – 1.26%	< 3.5 – 2.6%	< 5.5 – 3.6%	> 5.6%
Management Efficiency (Cost/Income)	< 25%	30 - 26%	38 - 31%	45 - 39%	> 46%
Earnings Ability (ROA)	> 1%	0.9 – 0.8%	0.35 – 0.7%	0.25 – 0.34%	< 0.24%
Earnings Ability (ROE)	> 22%	17 - 21.99%	10 - 16.99%	7 - 9.99%	< 6,99%
Liquidity (TL/TD)	≤ 55%	62 - 56%	68 - 63%	80 - 69%	≥ 81%
Liquidity (Circulating Assets/TA)	≥ 50%	45 - 49.99%	38 - 44.99%	33 - 37.99%	≤ 32%
Sensitivity Ratio	≤ 25%	30 - 26%	37 - 31%	42 - 38%	≥ 43%

Fonte: Desta (2016)

Dados e Interpretação

Segundo Filho (1980), só é possível estudar qualquer tema cientificamente se a abstração, que é o escopo do método, permitir ao cientista assumir, diante deles, posições objetivas colocando-se acima dos fenómenos para estudá-los, considerando dois princípios gerais:

- 1) Afastar do estudo da realidade toda e qualquer ideia preconcebida, toda noção apriorística sobre os factos questionados.
- 2) Conduzir o espírito à pesquisa pela dúvida metódica e construtiva, que investiga e analisa; único meio de retirar a verdade dos factos e não deforma-los para ajusta-los a uma verdade revelada.

Tendo em conta o cenário em estudo, o período temporal utilizado será entre 2010 e 2018. Este horizonte temporal foi escolhido dada a dificuldade na recolha dos mesmos para períodos anteriores ao mencionado, mas também pelo facto do período compreendido entre 2010-2018 representar uma das fases mais importantes do sistema bancário angolano.

Desta forma, tendo em conta o modelo escolhido, os indicadores escolhidos para replicá-lo serão os seguintes:

Tabela 3.3 - Indicador por componente modelo CAMELS

Indicador	Fórmula	Fonte
CAR	Capital / Risco Bancário	BIS
NPL	Credito Vencido/Total Credito	(IMF, 2016)
Cost-to-Income	Custo/receita	Banco de Portugal
ROA	Resultado Líquido/Ativo	(IMF, 2016)
ROE	Lucro Líquido/Capital Próprio	(IMF, 2016)
Rácio de transformação	Empréstimo/Depósito	Banco de Portugal
Sensitivity Ratio	Exposição Cambial/Fundos Próprios	BNA

Fonte: Elaboração Própria

Assim, com base nos indicadores selecionados, os dados recolhidos são:

Tabela 3.4 - Valores dos indicadores modelo CAMELS

Indicadores	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Capital Adequacy									
CAR	17,90%	14,30%	13,60%	14,30%	13,86%	14%	14,30%	17,60%	21,70%
Asset Quality									
NPL/TL	8,60%	2,40%	6,80%	9,80%	11,65%	11,60%	13,10%	28,80%	28,30%
Management									
Cost-to-income				53,70%	58,70%	47,40%	45,20%	51,80%	30,30%
Earnings									
ROA	3%	2,60%	1,60%	1,40%	0,64%	1,70%	2,20%	2,10%	4,40%
ROE	32,10%	21,60%	12,50%	10,90%	4,94%	11,50%	15,60%	14,50%	26,60%
Liquidity									
Rácio de Transformação	60,60%	59,50%	65,50%	63,30%	59,90%	50,60%	51,60%	49,30%	44,20%
Sensitivity to market risk									
Exposição cambial líquida/Fundos próprios	4,50%	21,10%	7%	16,40%	23,70%	34,40%	42,90%	46,70%	36,50%

Fonte: Elaboração própria (Dados do BNA Indicadores de Solidez Financeira)

Assim sendo, para cada componente do modelo selecionado, serão atribuídos os respectivos indicadores, de forma a descrevê-los e usá-los para a obtenção do resultado final desejado, segundo os dados recolhidos (Anexos A, B, C e D), relativamente ao Sistema bancário Angolano.

Capital Adequacy (adequação do Capital)

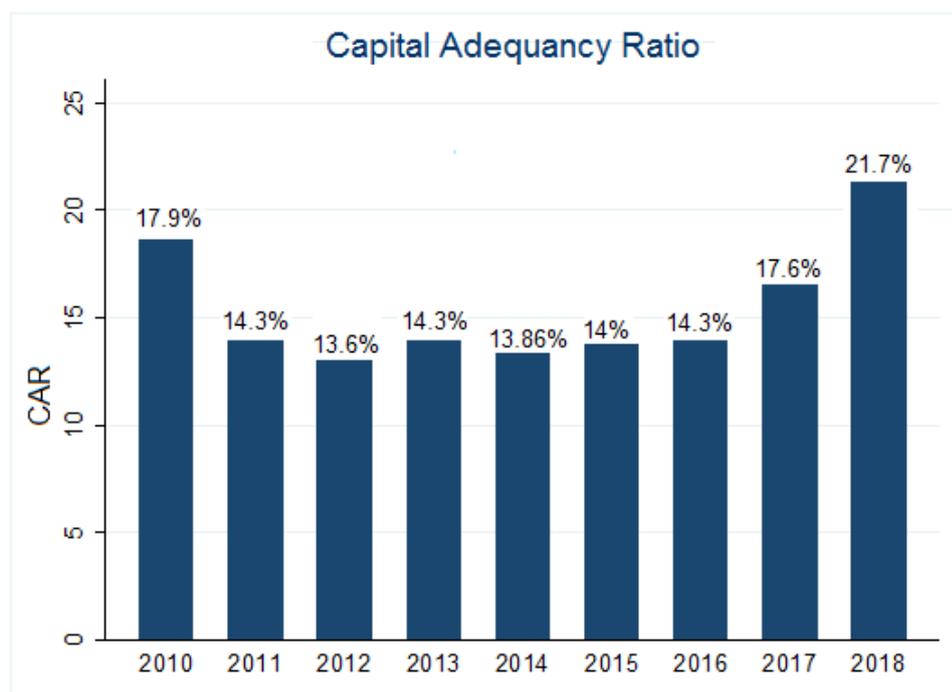
O primeiro grupo variável é o indicador de capital e indicadores relevantes, que são aqueles que estão presentes na estrutura de capital, mostrando a relação entre capital e ativos dentro de uma determinada instituição/organização (Rostami, 2015).

O rácio de adequação de capital é a característica central do Acordo de Capital da Basileia. É uma construção analítica em que o capital regulamentar é o numerador e os ativos ponderados pelo risco são o denominador. Este rácio é considerado importante para atingir o objetivo de assegurar ao longo do tempo uma base sólida e índices de capitais consistentes para todos os bancos internacionais. (IMF, 2006)

Alternativamente, eles poderiam ser medidos com base em avaliações dadas por agências externas de *rating*. Contudo, uma medida de risco melhorada poderia vir na despesa de comparabilidade de informação entre bancos, porque, sob essas novas propostas, os métodos de cada banco de estimar o risco de crédito pode diferir.

Como podemos ver, a adequação do capital é um dos pilares fortes para a estabilidade bancaria, sendo esta podermos ser medida através de alguns indicadores, sendo eles: Solvabilidade, Core Tier, rácio de adequação do capital. Porem, apenas o último será tido em conta para este estudo.

Figura 3.1 - Capital Adequacy Ratio



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

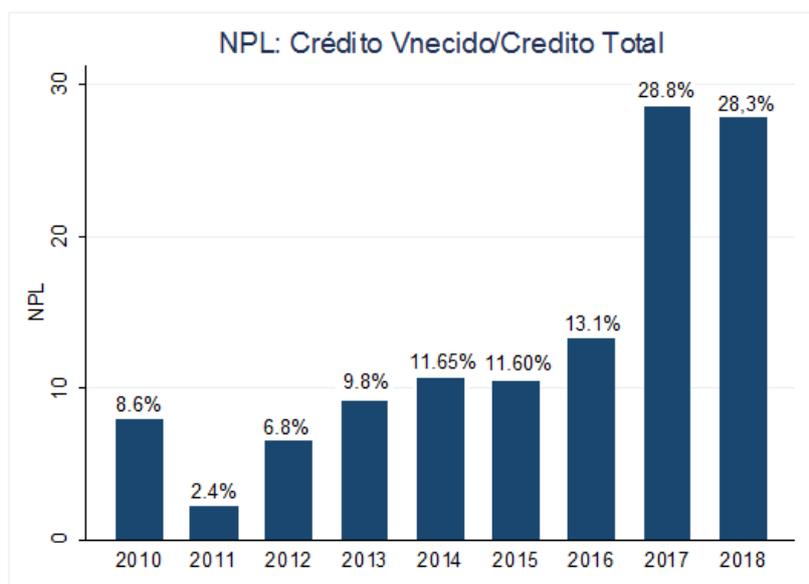
Asset Quality (Qualidade dos Ativos)

A Concentração de empréstimo num setor económico-financeiro específico torna os bancos vulneráveis a desenvolvimentos adversos nesse setor ou atividade. Desta forma iremos falar de um indicador muito utilizado para medir a estrutura de crédito de um banco. Estamos a falar do Non Performance Loan (NPL), conhecido também como crédito vencido/malparado.

Não há uma definição única de crédito malparado . As definições diferem de País para País e por vezes o que é apropriado num País possa não ser assim noutra. Os NPL's são empréstimos para os quais os pagamentos contratuais são vencidos, assumindo uma taxa de incumprimento dos empréstimos a mais de um determinado número de dias, geralmente 90 ou mais. Uma vez classificado como vencido , este (e / ou qualquer empréstimo de substituição) deve permanecer classificado como tal até que seja cancelado ou pagos os juros sobre este ou empréstimos subsequentes que substituem o original (IMF, 2018).

O crédito vencido é potencialmente responsável por situações de insolvência bancária, particularmente no decurso de episódios de crises sistémicas. A consequência imediata do aumento da proporção de crédito vencido é o aumento do risco de crédito que, de acordo com Masood e Aktan (2009), pode resultar da liberalização do sistema bancário, sendo tal mais evidente nos Países emergentes.

Figura 3.2 - Crédito Vencido



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

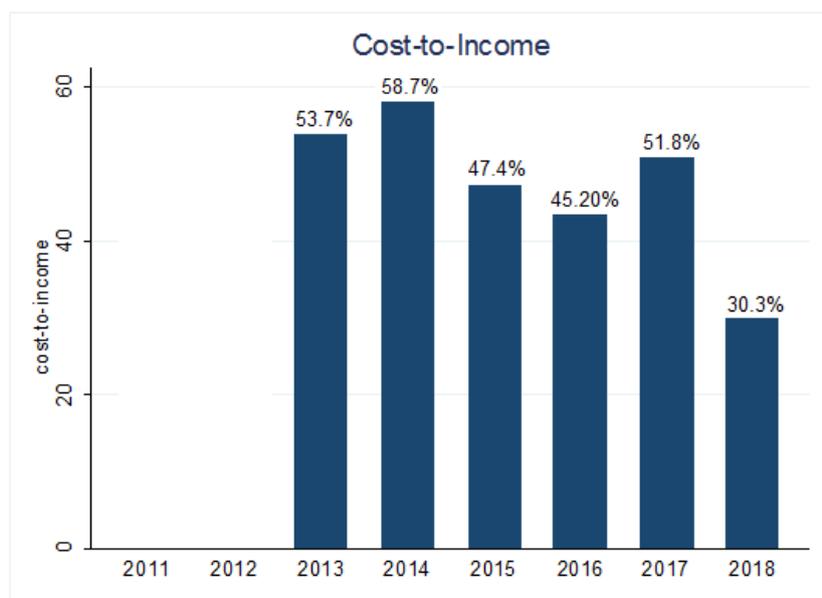
Para o caso Angolano, e após análise da figura 2, chegamos a conclusão que este indicador tem subido gradualmente ao longo dos anos, tendo um aumento mais acentuado em 2017 onde atingiu níveis preocupantes.

Management (Qualidade de Gestão)

Esta componente refere-se à qualidade da administração do banco no que se refere a eficiência de seus recursos, maximização do lucro e redução custos. Entre outros, pode ser capturado por diferentes índices financeiros como crescimento total de ativos, taxa de crescimento de empréstimos e ganhos taxa de crescimento. Desta forma, o rácio escolhido é o cost-to-income, que segundo (Basto, 2016) é um dos mais comentados quando se analisa um banco. Mede o efeito dos custos fixos na atividade, sendo os custos fixos medidos pelos custos de transformação e a atividade pelo produto bancário. Para analisar esses dados, quanto menos for o peso dos custos de transformação no produto bancário, melhor (Basto, 2016).

Neste rácio, apenas foi possível analisar os dados a partir de 2013, porém conseguimos concluir que tem assumido níveis altos nos últimos anos, não obstante uma recuperação no último ano analisado, descendo de 51.8% para 30.3%.

Figura 3.3 - Cost-to-Income



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

Earnings (Resultados)

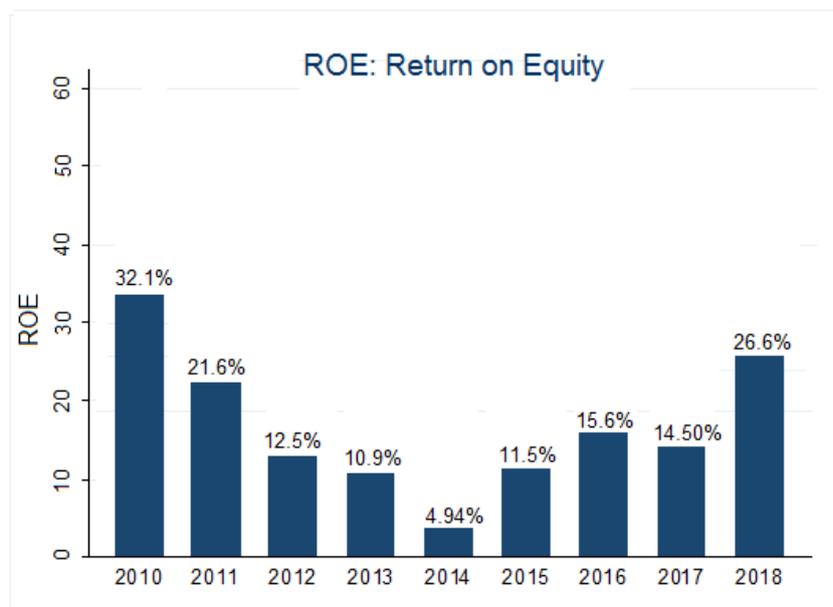
Diferenças na estrutura de capital devem ser consideradas na análise desempenho do banco e destaca-se a necessidade de olhar para vários rácios de operação ao mesmo tempo. Bancos com menor alavancagem geralmente reportam ROA mais altos, mas ROE mais baixos. Portanto, uma análise de rentabilidade baseada exclusivamente em ROE tenderia a desconsiderar os maiores riscos normalmente associado à alta alavancagem. Rácios operacionais comuns utilizados para avaliar a rentabilidade do banco incluem o lucro líquido para o total médio ativos (também conhecido como retorno sobre ativos [ROA]) e renda ao patrimônio líquido médio (também conhecido como patrimônio [ROE]) (IMF, 2006)

Para Grier (2007) um lucro consistente não só reforça a confiança do público no banco, como também absorve as imparidades e fornece provisões suficientes. Assim, resultados consistentemente saudáveis são essenciais para a sustentabilidade das instituições. Índices de rentabilidade medem a capacidade de uma empresa gerar lucros de receita e ativos. Para tal, iremos ter em conta dois indicadores, o Retorno sobre os Ativos e o Retorno sobre os Capitais.

Enquanto o ROA (retorno sobre os ativos) é definido como a razão do lucro após impostos sobre o ativo total médio (expresso em%), já o ROE (retorno sobre os capitais próprios), como o próprio nome indica, é o retorno do lucro após impostos sobre os capitais próprios. A margem de juros líquida é definida como a receita líquida de juros dividida pelo total de ativos. O ROA reflete a capacidade da administração do banco de gerar lucros a partir dos ativos do banco. Ele mostra os lucros obtidos de ativos e indica a eficiência com que os ativos do banco foram geridos para obter receitas. Para capturar mudanças nos ativos durante o ano fiscal, nosso estudo se baseia no valor médio dos ativos. O ROA surgiu como a principal razão para a avaliação da rentabilidade do banco e tornou-se a medida mais

comum de rentabilidade do banco na literatura. A segunda medida de rentabilidade refere-se ao retorno sobre o patrimônio líquido médio (ROE). Dado que uma análise do ROE desconsidera a alavancagem financeira e o risco associado a ela, consideramos o ROA como nossa principal razão para a avaliação do lucro de um banco (Dietrich & Wanzenried, 2011).

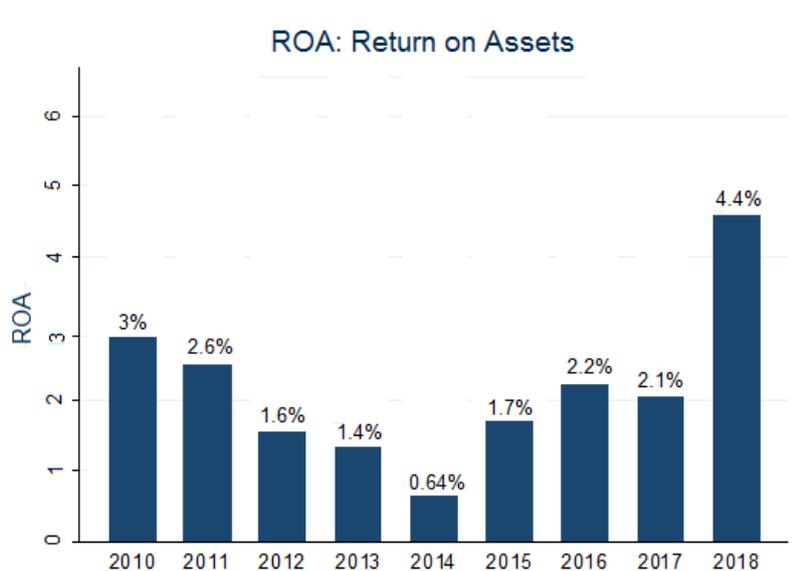
Figura 3.4 - Return on Equity



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

ROE: Este indicador destina-se a medir os depositantes eficientes na utilização de seu capital. Porém, também pode fornecer informações sobre a sustentabilidade da posição de capital dos compradores. Na interpretação deste rácio, temos que uma alta proporção pode indicar alta lucratividade e / ou baixa capitalização, e um baixo índice poderia indicar baixa lucratividade e / ou alta capitalização. O ROE é calculado dividindo o lucro (receita bruta menos despesas brutas) pelo capital próprio durante o mesmo período. O denominador pode ser calculado tomando a média do período inicial e final das posições (IMF, 2006). Neste caso, ao longo do período estudado para Angola (Figura 4), este indicador tem apresentado uma flutuação, assumindo em 2014 o valor mais baixo. Contudo com o passar do tempo os índices cresceram, assumindo em 2018 um valor máximo de 26.6%%.

Figura 3.5 - Return on Assets



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

ROA: Este indicador destina-se a medir os depositantes eficientes no uso de seus ativos. Pode ser interpretado em combinação com o FSI no retorno sobre o patrimônio descrito acima. O ROA é calculado dividindo lucro líquido pelo valor ativos totais no mesmo período. No mínimo, o denominador pode ser calculado tomando a média das posições de início e fim do período (por exemplo, no começo e no final do mês), mas compiladores são encorajados a usar as observações mais frequentes disponíveis para calcular a média. (IMF, 2006). De igual modo, ao longo do período estudado este indicador tem apresentado uma flutuação, assumindo em 2014 o valor mais baixo, como se observa na Figura 5. Porém com o passar do tempo os valores do indicador foram subindo, apresentando em 2018 o valor máximo de 4.4% durante os 9 anos do nosso estudo.

Liquidity (Liquidez)

O nível de liquidez influencia a capacidade de um sistema bancário para resistir a choques. Por exemplo, um grande choque, contribuindo para as perdas de crédito ou de mercado, poderia causar uma perda de confiança no setor bancário por participantes do mercado ou depositantes. Por sua vez, poderia resultar numa crise de liquidez que tem o potencial para tornar os bancos solventes em bancos insolventes, pois se eles perdem o acesso ao financiamento, podem assim ser forçados a vender ativos a preços baixos para obter liquidez.

Uma medida comum de liquidez é o ativo líquido sobre o ativo total, que indica o decréscimo do balanço que o setor poderia absorver antes de ser forçado a vender ativos ilíquidos. Temos ainda o rácio de activos líquidos sobre o passivo a curto prazo, mostrando que a curto prazo, o passivo teria que ser coberto pela venda de ativos se o acesso ao financiamento fosse perdido. Outra medida de

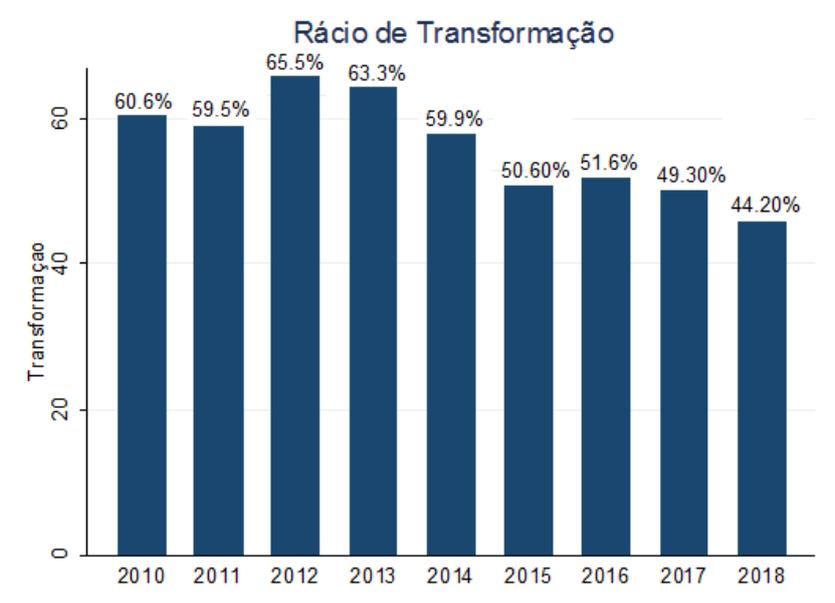
liquidez, à qual daremos maior destaque, é rácio do crédito total/deposito, conhecido como índice de transformação, que também é varias vezes usado para detetar problemas de liquidez - proporção pode indicar potencial stress de liquidez no sistema bancário e, talvez, uma perda de depositantes e confiança dos investidores na viabilidade a longo prazo do setor (IMF, 2006).

Rácio de transformação

Alper & Çapacioğlu (2018) consideram o rácio de transformação um indicador-chave monitorado para avaliar as posições de liquidez estrutural dos bancos. É um índice que mostra simplesmente quanto dos principais ativos dos bancos (empréstimos) são financiados por recursos-chave estáveis de financiamento, a saber, depósitos. Portanto, presumivelmente, quanto menor o Rácio de Transformação de um banco, menor a probabilidade de o banco enfrentar um stress de liquidez.

Como podemos verificar na figura 6, este rácio tem vindo a diminuir ao longo do período estudado, apresentado em 2012 o seu valor mais elevado com 65.5%, mas em 2018 que é o último ano em estudo apresenta o valor de 44.20%, apresentando assim uma boa tendência de baixa, refletindo assim que o nível de crédito tem vindo a baixar face aos depósitos efetuados.

Figura 3.6 - Rácio de Transformação



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

Sensitivity to Market Risk (Sensibilidade do Risco de Mercado)

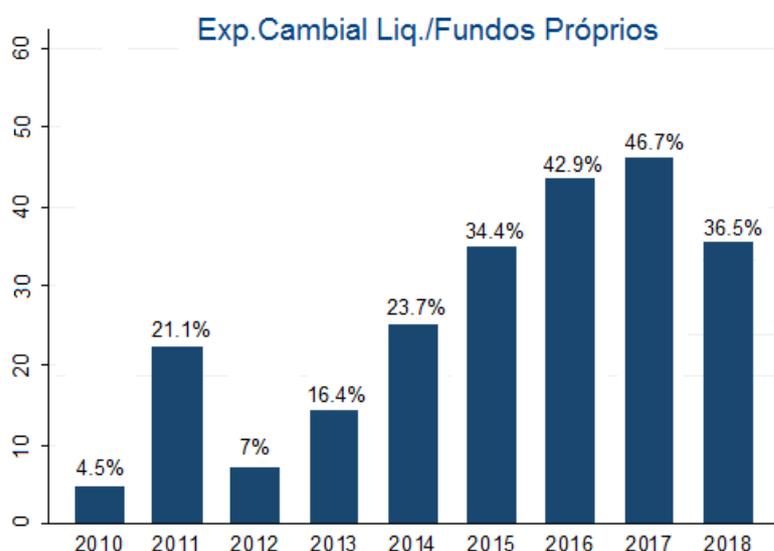
À medida que os bancos se tornam cada vez mais envolvidos em operações diversificadas e assumem posições em instrumentos, eles tornam-se mais expostos ao risco de perdas decorrentes de variações nos preços de mercado – risco de mercado. Os componentes mais relevantes de risco de mercado são a taxa de juro e o risco cambial (IMF, 2006).

Além disso, em alguns Países, os bancos podem envolver-se em negociação proprietária nos mercados de ações, que resulta em risco de preço de ações. Derivados financeiros podem ser usados para gerir esses riscos (IMF, 2006).

Um indicador potencial de sensibilidade ao risco da taxa de juro é a duração dos ativos e passivos. Quanto maior o descompasso na duração ou na vida "média" entre ativos e passivos, maior o risco da taxa de juro, e maior o provável impacto das mudanças em taxas de juros sobre ganhos e capital. A medida mais comum de exposição cambial é a posição líquida, e uma medida comumente usada de um a exposição ao risco do capital do banco é a sua posição líquida em ações (IMF, 2006).

Sendo assim, pela análise da Figura 7, concluímos que existe uma exposição considerada relativamente ao património existente, apresentando assim uma margem de risco bancário.

Figura 3.7 - Exposição Cambial Líquida sobre Fundos Próprios



Fonte: BNA - Indicadores de Solidez Financeira

Capítulo IV - Análise Empírica

Modelo CAMELS

Nesta secção iremos aplicar o modelo CAMELS para classificar os indicadores escolhidos a fim de replicá-los no âmbito da metodologia. Desta forma, para análise do modelo será considerado o período compreendido entre 2010 a 2018, salvo algumas exceções em que não foi possível apurar valores para determinados anos.

Na aplicação do modelo, ter-se-á em conta as cinco componentes de classificação do modelo, e a notação 1 indica a classificação mais alta, práticas de desempenho e gestão de risco mais fortes e menor grau de preocupação de supervisão, enquanto 5 indica a classificação mais baixa, desempenho mais fraco, práticas inadequadas de gestão de risco e, portanto, o maior grau de preocupação de supervisão.

Como termo comparativo (benchmark), serão usados os valores da classificação das componentes do modelo CAMELS, usados num estudo de Desta (2016) para avaliar o desempenho dos melhores bancos africanos.

Tendo em conta os dados observados na tabela 5, foi efetuado o cálculo da média dos valores nos 9 anos estudados, a fim de obter o valor base para cada indicador do modelo. Com base na média apresentada, cada indicador foi classificado segundo o *Rating* a que diz respeito.

Assim, em forma de resumo temos a seguinte tabela:

Tabela 4.1 - Sistema Bancário Angola: Resumo da classificação por componente

Indicadores para cada Componente	Média	Rating quantitativo	Rating Qualitativo
Capital Adequacy			
CAR	15,71%	1	Excelente
Asset quality			
NPL/TL	13,45%	5	Duvidoso
Management			
Cost-to-income	47,85%	5	Duvidoso
Earnings			
ROA	2,18%	1	Excelente
ROE	16,69%	3	Médio
Liquidity			
Rácio Transformação	56,06%	2	Bom
Sensitivity to market risk			
Exposição cambial líquida/Fundos próprios	25,91%	2	Bom
Média final		3	Médio

Fonte: Elaboração própria

Com a tabela de cima, foi possível calcular o *rating* atribuído ao sistema bancário Angolano segundo os indicadores selecionados, que resulta da média aritmética de todos os componentes do modelo utilizado. Desta análise resulta que a estabilidade bancária angolana teve como avaliação a 3, classificada assim como média.

Segundo a interpretação para esta classificação, assume-se que o sistema bancário angolano apresenta algum grau de preocupação de supervisão numa ou mais áreas componentes, neste caso específico, quer no rácio NPL (crédito malparado) quer no *cost-to-income*, sendo que foram os componentes que tiveram a classificação mais baixa possível, ou seja, 5. Desta forma existe uma grande preocupação para melhorar os rácios do crédito malparado, que ao longo desta investigação podemos ver que já apresentava algumas preocupações, com agora com este resultado só vem provar cada vez mais essa afirmação. Já uma das maiores agências financeiras internacional (Reuters, 2017) havia considerado como um dos grandes problemas da banca angolana, o crédito malparado, referindo que tem vindo a aumentar ao longo do seu período, tendo apenas alguns abrandamentos ao longo dos anos mas sempre com uma tendência crescente. Esta situação torna-se alarmante, visto que prova a incapacidade dos credores em cumprirem com os seus compromissos de liquidar os créditos concedidos dentro do período acordado, criando assim uma fonte de risco no sistema bancário.

No que diz respeito aos outros indicadores que apresentam melhor *rating*, temos o CAR classificado como excelente, significando assim que importa manter os níveis de capital acima da média para que o rácio continue com nota positiva. Semelhantemente o ROA também teve uma classificação máxima, mostrando assim que a banca Angolana tem uma boa rentabilidade dos seus ativos.

Relativamente às componentes de liquidez e de sensibilidade de risco de mercado, apresentaram classificações boas, porém ainda têm características que podem melhorar para poderem atingir o nível máximo dentro do critério estabelecido.

O ROE apresenta uma classificação média, assumem-se assim que necessita de melhorar a sua estrutura de capitais próprios, para que assim o seu retorno seja maior. Isto só vem provar que o sistema bancário angolano ainda exhibe uma combinação de fraquezas que podem variar de moderadas a graves; no entanto, a magnitude das deficiências geralmente não fará com que um componente seja avaliado com uma classificação mais severa do que 4. A gestão pode não ter a capacidade ou a disposição de tratar efetivamente os pontos fracos dentro dos prazos apropriados. As instituições financeiras deste grupo geralmente são menos capazes de resistir a flutuações no volume de negócios e são mais vulneráveis a influências externas do que aquelas que avaliam um composto 1 ou 2.

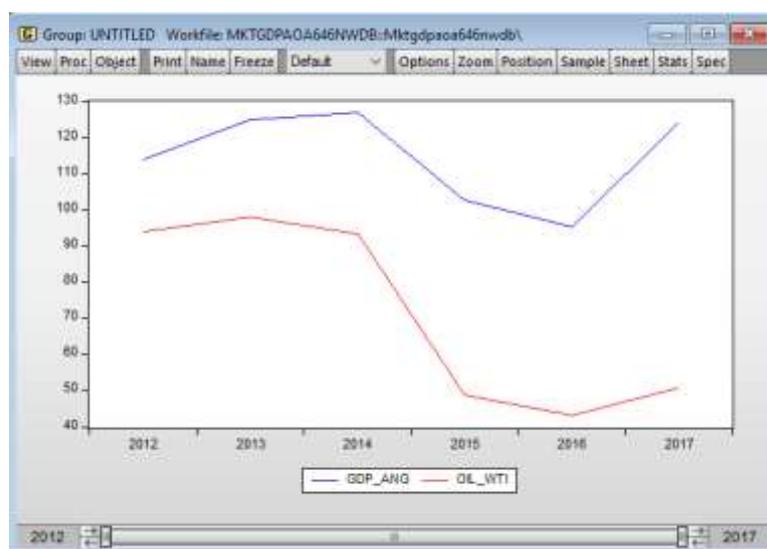
Preço do petróleo e a Estabilidade Bancária Angolana

Angola, o segundo maior produtor de petróleo da África, está entre os Países mais dependentes de petróleo do continente (Pilling, 2019). Cerca de 95% de suas receitas de exportação e 70% de impostos são provenientes do petróleo. Porém, há um problema: Angola possui um nível decrescente de petróleo para vender. Pilling (2019) ainda refere que essa situação teve um impacto devastador numa economia que, até uma queda nos preços do petróleo em 2014 que agravou o problema das reservas em declínio, era aquela que mais crescia em toda África.

Assim, para poder sustentar este tópico e sustenta-lo com bases científicas, usou-se o Eviews (Anexo F), a fim de estudar a correlação existente entre o PIB angolano e o preço do petróleo no período em estudo na presente investigação (Anexo H e I).

Contudo, também serão feitas algumas replicações econométricas respeitantes a algumas variáveis em estudo, com vista a obter o nível de correlação entre elas. A análise de correlação tem como principal objetivo medir a força ou o grau de associação linear entre duas variáveis (Gujarati & Porter, 2015).

Figura 4.1 - Relação gráfica entre o PIB de Angola o preço do Petróleo



Fonte: Bloomberg and FRED (elaborado pelo Eviews)

Podemos dizer que existe uma correção positiva entre as variáveis do petróleo e o PIB de Angola, pois vemos que o PIB está altamente dependente de como comporta-se o indicador do petróleo.

Fundamentando nos estudos de Callegari-Jacques (2009), constatamos que o coeficiente de correlação produto-momento ou de Pearson, varia entre -1 e 1 (anexo E) em que os valores negativos correspondem a correlação inversa e os positivos a correlação direta, mas neste caso iremos ter em atenção os valores positivos (Gujarati & Porter, 2015).

Figura 4.2 - Teste de Correlação entre o BIP de Angola e o preço do petróleo

Teste de Correlação		
	PIB Angola	Petróleo
PIB Angola	1	0,67
Petróleo	0,67	1

Analisando a tabela 7, concluímos que o nível de correlação é de 0.67, que segundo o estudo de Callegari, considera ser uma correlação forte, significando que as variáveis estão relacionadas, ou seja, quando a alteração de uma variável, neste caso o preço do petróleo, provoca a alteração na outra variável, o PIB angolano. Assim, concluímos que o preço do petróleo tem uma importância significativa no PIB do País.

Subcapítulo - Método Qualitativo

A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar com opiniões ou pessoas, mas sim explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (Bauer & Gaskell, 2000). Os métodos qualitativos mostram uma abordagem diferente da investigação académica do que aquela dos métodos quantitativos. A investigação qualitativa emprega diferentes estratégias de investigação e método de recolha de dados, análise e interpretação dos mesmos. Embora os processos sejam similares, os procedimentos quantitativos baseiam-se em dados e dependem de diferentes estratégias de investigação. (Creswell, 2010)

Fundamentalmente, pode todavia, dizer-se que as técnicas correspondem ao nível inferior e designam os instrumentos bem delimitados e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados considerados úteis na observação que corresponderão, por exemplo, a este nível o questionário, a escala de atitudes, a entrevista, a observação participante, o teste. (Lima, 1981).

No que diz respeito aos métodos qualitativos, destacaríamos dois que foram usados nessa dissertação, que são eles a entrevista e o inquérito.

A entrevista

A utilização da entrevista pressupõe que o investigador não dispõe de dados «já existentes», mas que deve obtê-los. Depois de verificada a necessidade de dispor de dados próprios é necessário ter ideias claras quanto ao contributo específico da entrevista e quanto as condições exigidas a sua aplicação, como a comparação de outras técnicas de pesquisa (Albarello, et al., 1995). Segundos Bauer & Gaskell (2000) o objetivo da entrevista qualitativa é focar categorias específicas dos entrevistados que pareçam ser particularmente interessantes.

Nas ciências sociais empíricas, uma entrevista qualitativa é uma metodologia de recolha de dados amplamente empregados, que, para Bauer & Gaskell (2000), serve para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista.

Assume-se que aqui o pesquisador, ou já tenha desenvolvido um referencial teórico ou conceitual que guiara sua investigação e identificado os conceitos centrais e os temas que deverão ser vistos na pesquisa, ou tenha-se decidido a trabalhar dentro do referencial da teoria fundamentada. De acordo com esta escolha, duas questões centrais devem ser consideradas antes de qualquer forma de entrevista, são elas: O que perguntar? (tópico guia) E a quem perguntar? (selecionar os entrevistados).

No que diz respeito ao guia, Bauer e Gaskell (2000) consideram que é a parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Por detrás de uma conversa aparentemente natural e quase casual encontrada na entrevista bem-sucedida, está um entrevistador muito bem preparado. O tópico guia é como o próprio nome indica uma orientação, mas não nos devemos tornar escravos dele como se a entrevista só dependesse disso.

Relativamente à seleção dos entrevistados, esta não pode seguir os procedimentos da pesquisa quantitativa, por várias razões. Muitas vezes, relatórios de pesquisa qualitativa incluem em detalhes numéricos ou quantificadores vagos, tais como “mais de metade”, com respeito a distribuição de opiniões ou experiências entre os entrevistados, como se estes números de algum modo fossem pesar na intervenção legítima generalizada para uma população maior. Isto é não entender a finalidade da pesquisa qualitativa (Bauer & Gaskell, 2000).

Assim, ao longo da minha tese realizei duas individuais, das quais considerei de suma importância para o tema. Ambas foram individuais, com perguntas abertas, dando liberdade aos entrevistados para responder as entrevistas de forma gravada em formato de áudio e posteriormente transcritas, onde podemos encontrar o resumo das mesmas nos anexos.

A primeira entrevista, ao Vice-Presidente da KPMG² Portugal, consultora bem presente no mercado bancário angolano, que anualmente emite um relatório sobre a análise bancária do País. Como já pude referir, a entrevista foi um grande contributo para melhor entender alguns pontos fulcrais sobre o tema, onde o entrevistado pôde responder a questões relativamente à estabilidade bancária num todo, sublinhando o facto de ser um grande desafio para Angola, mas que com o apoio neste momento do FMI poderá limar as arestas necessárias para assim chegar a um bom porto no que concerne a estabilidade bancária (V.Ribeirinha, *KPMG*, 2019). Ressaltou o facto de Angola ainda ser um País extremamente dependente do petróleo e que tão rapidamente não o deixará de ser, pese embora aquando o preço do petróleo desce, surge a tona questões relativamente à diversificação da economia, porém quando o preço volta a subir o tema da diversificação já não é tida em conta. Referiu ainda que o crédito mal parado é outro dos grandes desafios da banca Angola, sendo que a resolução para este problema passa por fazer crescer a carteira de crédito bancário e arranjar uma estratégia para recuperar o crédito das entidades que não liquidam os mesmos. Outros temas abordados pelo entrevistado podem ser encontradas no anexo K.

Analogamente, a segunda entrevista também foi ela muito frutífera. Desta feita, o entrevistado escolhido foi um economista do Banco de Portugal, que também ele teve uma passagem por Angola, num projeto juntamente com o FMI, a fim de apoiar o BNA no que diz respeito a sua análise bancária. José R. Maria (*Banco Portugal*, 2019) defende que a Regulação e a supervisão são a base de uma estabilidade bancária, pois são com essas directrizes que os bancos se vão orientar. Para além disso, considera que o sistema bancário pode funcionar como espada de dois gumes, na medida que poder ser tanto amortecedor para as crises como também amplificador das mesmas. Amortecedor das crises pois a intervenção do sistema bancário faz com que uma crise não tome proporções tão elevadas quanto as que poderia tomar se não intervisse, porém de mesmo modo o sistema bancário pode ser um acelerador financeiro que multiplica ainda mais o efeito da crise. Semelhantemente, outros pontos da entrevista podem ser encontradas no Anexo L.

² KPMG-Instituição prestadora de serviços de auditoria, fiscalidade e consultoria.

Inquérito/Formulário

Como já foi dito, para além da entrevista, foi realizado um inquérito com as perguntas consideradas pertinentes para o presente tema, bem como o público-alvo capaz de facultar as respostas credíveis e realistas.

O inquérito implica o recurso a uma técnica de observação particularmente penetrante, que se articula em torno dos seguintes parâmetros: Questões adequadas, procedimento da amostragem e recolha dos dados, bem como o tratamento informático destes dados. A abordagem baseada em questionários/inquéritos e realizada em amostras representativas, compõem-se de um sucesso de escolhas metodológicas delicadas. Essas múltiplas escolhas e decisões inscrevem-se no quadro frequentemente restritivo dos meios postos à disposição de cada investigação em particular (Albarelló, et al., 1995).

Os inquéritos podem também servir para intervenção, a ação prática sobre a realidade social. Ora a dinâmica de intervenção pressupõe opções valorativas diferentes daquelas que são suscetíveis de influir na pesquisa, na mera procura do conhecimento científico. Para Creswell (2010), no inquérito por questionário verifica-se que o instrumento de colheita e registo de dados utilizado (neste caso, o questionário) é estruturado em termos de uniformizar (ou normalizar) a informação apurada, de modo que a realidades idênticas correspondem resultados distintos. Designadamente, a classificação das respostas (isto é, agrupamento em categorias, ou codificação) e a sua contagem só são possíveis se aquelas tiverem sido recolhidos através de questionários idênticos, uniformemente apresentados aos entrevistadores e compreendidos da mesma forma por estes.

As vantagens deste método residem na sua extensão e na capacidade de generalização dos resultados apurados numa subpopulação, a qual chamamos de amostra. A amostragem garante eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica para o estudo de apenas partes de uma população que se percam as informações. Como pode o estudo de uma parte fornecer um referencial seguro de todo? A chave para decifrar este enigma é a representatividade. A amostra representa a população se a distribuição de algum critério é idêntico tanto na população como na amostra. Os parâmetros de uma população são calculados através de estimativas observadas na amostra. Na prática, presume-se em geral que se a amostra representa a população a partir de um determinado número de critérios, então ela representara também a população naqueles critérios nos quais alguém esteja interessado. (Bauer & Gaskell, 2000)

Referente a amostragem, Creswell (2010) destaca duas características da população e os procedimentos da amostragem, que são elas: Identificar a população do estudo. Também declarar o tamanho dessa população, se este poder ser determinado, e os meios para identificar os indivíduos de uma população; e identificar se o projeto da amostragem para a população escolhida é de fase única ou multifásico. A fim de culminar este processo do inquérito, é elaborada uma representação gráfica dos dados estatísticos que, segundo Reis (2005), tem por finalidade dar uma ideia a mais imediata possível dos resultados obtidos permitindo chegar-se a conclusões rápidas sobre a evolução do fenómeno em estudo ou sobre a relação entre os diferentes valores apresentados. Para que tal seja

conseguido, quando se constrói um gráfico deverá ter-se em conta os elementos simplicidade, clareza e veracidade (Reis, 2005).

Análise do Inquérito: Estabilidade Bancária Angola

Nesta fase apenas teremos um resumo do inquérito, sendo que as questões, as respostas e os gráficos encontram-se no Anexo J. A amostra baseou-se numa população com emprego em áreas específicas, contando com 29 inquiridos. Contudo, na sua grande maioria, os inquiridos tinham profissão em instituições financeiras bancárias.

No que diz respeito à classificação da estabilidade bancária do País, numa escala de 1 a 5 (em que 1 implica ser muito instável e o 5 muito estável) a maioria das respostas tendeu para o 3 que é um nível médio, pois os restantes inclinaram-se mais para o nível da instabilidade, em que 24% classificou como 2 e 17% como 1.

Relativamente a diversificação da economia, verificamos que na sua maioria dos inquiridos 89,7%= 55,2%+34,5%) considerou que não é diversificada, havendo assim necessidade de repensar outras estratégia para combater essa realidade.

Ao longo do trabalho percebemos que um dos grandes motivos, senão o maior, para o abrandamento da economia Angolana foi a queda do preço do petróleo, pois Angola sofre da “doença Holandesa” (Sleire, 2018), que a faz ser dependente deste recurso natural. Assim, os Inquiridos são da opinião que o País ainda é fortemente dependente deste recurso, contando com 100% da resposta dos mesmos.

Após o grande colapso da queda do preço do petróleo em 2014, como seria de prever a procura diminuiu, levando a pouco compradores externos, levando assim a escassez de divisas e a única forma de equilibrar a balança seria o amento cambial. A escassez das divisas por parte dos bancos fez com que a população encontrasse outros meios para obtê-las e a única forma seria o mercado informal. Numa entrevista a Reuters, o presidente do BNA, Massano (2018), sublinhou que muito embora o fosso entre a taxa de câmbio do Kwanza³ nos mercados formal e informal tenha diminuído, ainda assim há uma escassez de divisas no País. Posto isso, numa escala de 1 a 5 em que 1 é peso nenhum e 5 é peso elevado, pelas respostas dos inquiridos podemos verificar que consideram que o peso do mercado informal em Angola é elevado.

Ao que se refere ao grande desafio da banca Angolana, verificamos que as respostas dos inquiridos foi mais equilibrada, o que demonstra existir não só um desafio que chama atenção mas sim outros mais, onde temos 3 respostas mais ou menos comuns: a diversificação da economia, pessoal qualificado e a redução do crédito mal parado, visto que 17% dos inquiridos considerou todos os pontos como sendo um desafio.

³ Moeda Angolana

Após toda esta situação de crise, Angola sentiu necessidade de solicitar apoio internacional. Desde então, o FMI tem estado a trabalhar juntamente com o BNA, a fim de ver quais as melhores estratégias para poder estabilizar a situação bancária do País. Por este mesmo motivo, o FMI já tem um estabelecimento em Angola a fim de trabalhar de perto nesta matéria (Reuters, Angola's deficit to shrink by end of 2018 - central bank head, 2018). Porém, na sua grande maioria os inquiridos, consideram que ainda é cedo para tirar ilações relativamente a atuação do FMI sobre a situação bancária do País e apenas 27,6% acredita que já trouxe melhorias ao sector bancário.

Antes da questão aberta, houve espaço ainda para que os inquiridos dessem a sua opinião sobre as perspetivas para o País no que diz respeito a situação bancária. Perante todo este cenário apresentado, a maioria dos inquiridos está esperançoso que a situação bancária do País tende a melhorar. Contudo 17,2% não é da mesma opinião, considerando que tende a piorar. Os restantes mantêm uma opinião neutra concluindo que a situação manter-se-á como está.

Capítulo VI - Conclusão

Esta Dissertação tem como principal objetivo analisar a estabilidade bancária Angolana no período compreendido entre 2010 e 2018.

Para poder responder à pergunta científica de partida, aplicou-se o modelo CAMELS que é usado para avaliar o desempenho das instituições financeiras, neste caso específico os bancos Angolanos, tendo por critério uma classificação de 1 a 5, sendo 1 o mais elevado e o 5 o mais baixo. O resultado da replicação deste modelo é que a classificação para cada componente foi 1 para a Adequação do Capital, 5 para a Qualidade dos Ativos, 5 para a Qualidade de Gestão, 1 para os Resultados, 2 para a Liquidez e finalmente 2 para a Sensibilidade do Risco de Mercado. Fazendo a média aritmética dos resultados por componente, atribui-se a Classificação 3, concluindo-se assim que o sistema bancário Angolano ainda não é inteiramente estável.

Para além disso, explorou-se também o método qualitativo, mais especificamente entrevistas e inquérito. Das entrevistas concluiu-se que ainda existe um caminho a percorrer para atingir a estabilidade bancária. De acordo com o resultado das entrevistas, o FMI está a trabalhar em Angola com vista a colmatar algumas brechas no que diz respeito ao sistema bancário do País. Considerou-se ainda que Angola é fortemente dependente do petróleo e que essa situação ainda tardará em mudar. Por último, sublinhou-se a questão que são as crises as grandes causadoras da instabilidade bancária, não obstante o facto de que o mesmo sistema bancário pode funcionar tanto como amortecedor ou como amplificador dessas mesmas crises. No que diz respeito ao inquérito realizado a uma amostra representativa de 29 inquiridos residentes em Angola, em que a sua grande maioria trabalha em instituições financeiras bancárias Angolanas, de uma forma geral, classificam a estabilidade bancária como sendo média. Contudo, os inqueridos destacaram alguns pontos que carecem atenção redobrada, como é o caso da diversificação da economia, a dependência do petróleo e o crédito mal parado. Porém, os inquiridos alegam que o papel do FMI na área bancária do País pode ser preponderante para minimizar as debilidades acima apresentadas.

Ao analisar estes métodos complementares utilizados, podemos verificar uma ligação nos resultados dos métodos aplicados da qual devemos ter atenção. Tanto no modelo CAMELS, como no inquérito, concluiu-se que o nível da estabilidade é médio, conforme os resultados dos métodos complementares, mais especificamente o crédito mal parado analisado no CAMELS é o indicador mais preocupante, e é tido como algo preocupante no âmbito das entrevistas conduzidas. Aliás, este indicador é o maior visado pelos bancos Angolanos como aquele que tem de ser rapidamente estabilizado.

Considerou-se igualmente relevante abordar o tema do petróleo, que teve um enorme impacto, neste caso negativo, no sistema bancário Angola, e que de uma forma unânime e utilizado os vários métodos explorados, permite concluir que o País ainda é fortemente dependente deste recurso, dado que a correlação entre o preço do petróleo e o PIB do País é forte, o que foi reforçado pelo inquérito,

100% dos Inquiridos confirmou esta influência negativa e nas entrevistas constatamos que a posição é idêntica.

Um dos benefícios desta Dissertação é que possibilita-nos saber quais são os pontos do sistema bancário angolano que ainda carecem de algumas mudanças, bem como quais são os indicadores que merecem uma maior atenção, respostas estas que já tivemos ao longo desta investigação através dos resultados apresentados pelos métodos aplicados.

Desta forma, para investigações futuras sugere-se a realização de estudos sobre como resolver o problema do crédito malparado, apresentando soluções e metodologias aplicáveis, através das quais se possa obter resultados práticos para a firme resolução desta complexa questão. Outro tema que pode ser investigado relaciona-se com a supervisão bancária, sendo que também foi um dos pontos abordados ao longo desta Dissertação.

Referências Bibliográficas

- A. El-Erian, M. (2016). *The Only Game in Town: Central Banks, Instability, and Avoiding the Next Collapse*. Random House Audio.
- Alper, K., & Çapacıoğlu, T. (22 de novembro de 2018). THE DYNAMICS OF LOAN-TO-DEPOSIT RATIO IN TURKEY. *Banco Central da República da Turquia*. Turquia.
- American International Assurance . (1996). *CAMEL Approach to Bank Analysis: Credit Risk Management of New*.
- APO. (2005). Benchmarking Training Manual. Em Asian Productivity Organization, *Benchmarking Training Manual* (pp. 3-11). Tokyo: Best Practice Network.
- Associação Angola de Bancos. (s.d.).
- Baltagi, B. H. (2005). *Economics Analysis of Painel Data*. London: Third.
- Barbosa Filho, M. (1980). *Introdução à pesquisa: Métodos, Técnicas e Instrumentos*. Livros técnicos e científicos.
- Barr, R. S., Killgo, K. A., Siems, T. F., & Zimmel, S. (2002). Evaluating the productive efficiency and performance of US commercial banks. *Managerial Finance*, 3-25.
- Basto, M. T. (22 de Outubro de 2016). A performance dos Bancos em Portugal. *A performance dos Bancos em Portugal no período 2005-2014: uma perspetiva*. Portugal.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2000). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Londres: Sage Publications.
- BIS. (September de 2018). Bank for International Settlements. *International Banking and Financial Market Developments*.
- Brock, J. (29 de January de 2015). *Angola's economy set to slow as oil prices collapse*. Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/article/angola-economy/angolas-economy-set-to-slow-as-oil-prices-collapse-idUSL6N0V645F20150129>
- Chan, N. T. (7 de Junho de 1999). A crise financeira asiática: o que aprendemos? *A crise financeira asiática: o que aprendemos?* Oxford: Hong Kong Monetary Authority.
- Creswell, J. W. (2010). *Projecto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Penso.
- Cuba, Y. Z. (2018). Cost and Profit Efficiency of Listed South African Banks pre and post the financial. *Research in International Business and Finance*, 435-445.
- Dang, U. (2011). The Camel Rating System in Banking Supervision - A Case Study. *The Camel Rating System in Banking Supervision*. Helsinki, Finland.
- Derviz, A., & Podpiera, J. (2008). Predicting Bank CAMELS and S&P Ratings: The Case of the Czech Republic. *Emerging Markets Finance and Trade*, 44:1, 117-130.

- Desta, D. T. (2016). FINANCIAL PERFORMANCE OF “THE BEST AFRICAN BANKS”: A COMPARATIVE ANALYSIS THROUGH CAMEL RATING. *Journal of Accounting and Management*, 1-20.
- Dietrich, A., & Wanzenried, G. (2011). The determinants of commercial banking profitability in low-, middle-, and high-income countries. *Quarterly Review of Economics and Finance*, 337-354.
- Fang, Y., Hasan, I., & Marton, K. (2014). Institutional development and bank stability: Evidence from transition countries. *Jornal Of Bank & Finance*, 160-176.
- FED. (24 de december de 1996). *CAMELS Model*. Obtido de Federal Reserve Release: <https://www.federalreserve.gov/boarddocs/press/general/1996/19961224/>
- Ferreira, M. E., & Soares de Oliveira, R. (2019). Ferreira, Manuel Enes; Soares de Oliveira, Ricardo. *African Affairs*, 1-26.
- FMI. (2018). *Global Financial Stability Report - A decade after the global financial crisis: Are we safer?*
- FRED, F. R. (2019). *Federal Reserve Bank of St. Louis*. Obtido de Word Bank: <https://fred.stlouisfed.org/series/DDSI07USA156NWDB>
- Frost, S. M. (2004). *The Bank Analyst's Handbook: Money, Risk and*. Wiley.
- Gil, A. C. (1985). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo : Atlas S.A.
- Gillingham, J. (2015). *Financial Ratios & Analysis*. *Financial Ratios & Analysis*.
- Grier, W. (2007). *Credit Analysis Of Financial Institutions*. Euromoney Institution Investor .
- Gujarati, D. N., & Porter, D. C. (2015). *Econometria Básica*. AMGH 5ª Edição.
- Huljak, I. (2015). Market power and stability of CEE banks. *Business System Research*, Vol.6 nº.2.
- IMF. (2006). *Financial Soundness Indicators . Compilation Guide*. Washington, DC: International Monetary Fund.
- IMF. (2018). *Global Financial Stability Report*. IMF Library.
- Jahn, N., & Kick, T. (2012). *Determinants of Banking System Stability: A Macro-Prudential Analysis*.
- Kuhn, T. S. (1190). *The Structure Of Scientific Revolutions*. Univ. Of Chicago Press; Later Printing edition.
- Lehman, E. (1988). *Statics: An Overview*. Nova Iorque: Wiley.
- Lenet, S. (12 de Dezembro de 2018). *The Importance Of Benchmarking*. Obtido de Forbes: <https://www.forbes.com/sites/scottlenet/2018/12/12/the-importance-of-benchmarking/#6fade8aa4245>
- Lima, M. P. (1981). *Inquérito Sociológico*. Lisboa: Presença, Lda.

- Lopez, J. A. (11 de June de 1999). *Using CAMELS Ratings to Monitor Bank Conditions*. Obtido de Federal Reserve Bank of San Francisco: <https://www.frbsf.org/economic-research/publications/economic-letter/1999/june/using-camels-ratings-to-monitor-bank-conditions/>
- M. Callegari-Jacques, S. (2009). *Biostatística*. Artmed .
- Maria, J. R. (27 de Março de 2019). Estabilidade Bancária Angolana. (O. Sebastião, Entrevistador)
- Masood, O., & Aktan, B. (2009). Determinants of non-performing loans: A comparative analysis. *Actual Problems of Economics*, 251-263.
- Massano, J. d. (09 de Outubro de 2018). Angola's deficit to shrink by end of 2018 - central bank head. (Reuters, Entrevistador)
- Mathuva, D. (2009). Adequação de Capital, Índice de Custos e Desempenho dos Bancos Comerciais. *Jornal Internacional de Economia Aplicada e Finanças*.
- Matousek, R., & Solomon, H. (2018). Bank lending channel and monetary policy in Nigeria. *Research in International Business and Finance*, 467-474.
- Mohadab, M., Bouikhalene, B., & Safi, S. (2019). Predicting rank for scientific research papers using supervised learning. *Applied Computing and Informatics*, 182-190.
- Onaran, Y. (10 de Setembro de 2018). *Podemos sobreviver à próxima crise financeira?* Obtido de Bloomberg: <https://www.bloomberg.com/graphics/2018-lehman-anniversary/>
- Partovi, F. Y. (1994). Determining What to Benchmark: An Analytic Hierarchy Process Approach. *International Journal of Operations & Production Management*, 25-39.
- Pilling, D. (26 de June de 2019). *Angola looks to pump up oil production to kick-start economy*. Obtido de Financial Times: <https://www.ft.com/content/4fd81416-9735-11e9-9573-ee5cbb98ed36>
- Reis, E. (2005). *Estatística Descritiva*. Lisboa: Sílabo, 6ª edição.
- Restoy, F. (2019). The work of the Financial Stability Institute: past, present and beyond. *Financial Stability Institute 20th anniversary conference: "A cross-sectoral reflection on the past, and looking ahead to the future"*. Basileia, Suíça.
- Reuters. (21 de Janeiro de 2008). *Grandes crashes do mercado de ações*. Obtido de Grandes crashes do mercado de ações: <https://www.reuters.com/article/us-market-crashes/factbox-major-stock-market-crashes-idUSL2126592320080121>
- Reuters. (9 de outubro de 2018). Angola's deficit to shrink by end of 2018 - central bank head. *Angola's deficit to shrink by end of 2018 - central bank head*. Londres.
- Reuters. (4 de Janeiro de 2019). Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/article/angola-banks/angola-central-bank-withdraws-licences-of-two-small-lenders-idUSL8N1Z444S>

- Ribeirinha, D. V. (20 de Fevereiro de 2019). Estabilidade Bancária Angolana. (O. Sebastião, Entrevistador)
- Rostami, M. (2015). Determination of Camels model on bank's performance. *Internacional Journal of Multidisciplinary Research and Development*, 652-665.
- Sahajwala, R., & Bergh, P. V. (4 de December de 2000). SUPERVISORY RISK ASSESSMENT AND EARLY WARNING SYSTEMS. *WORKING PAPERS*. Basel, Suisse: BASEL COMMITTEE ON BANKING SUPERVISION.
- Segoviano, M. A., & Goodhart, C. (January de 2009). Banking Stability Measures. *IMF Working Paper: Monetary and Capital Markets Department*.
- Selgin, G., Dowd, K., & Bedard, M. (2018). *Financial Stability without Central Banks*. London Publishing Partnership.
- Sleire, S. (22 de Fevereiro de 2018). *It's Official: This Oil Giant Has Avoided Dutch Disease*. Obtido de Bloomberg: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-02-22/it-s-official-this-oil-giant-has-avoided-dutch-disease>
- Stapenhurst, T. (2009). The Benchmarking Book. Em T. Stapenhurst, *The Benchmarking Book* (pp. 3-18). Taylor & Francis.
- Tahar Benkhodja, M. (2014). Monetary policy and the Dutch disease effect in an oil exporting economy. *International Economy*, 78-102.
- Triki, T., Kouki, I., Calice, P., & Ben Dhaou, M. (2017). Bank regulation and efficiency: What works for Africa? *Research in International Business and Finance*, 183-205.
- UFIRS. (20 de Dezembro de 1996). *Federal Deposit Insurance Corporation*. Obtido de UNIFORM FINANCIAL INSTITUTIONS RATING SYSTEM: <https://www.fdic.gov/regulations/laws/rules/5000-900.html>
- Volcker, P. (16 de Setembro de 2018). Despite What Reaganites Tell You, Paul Volcker Didn't Spark The Reagan Boom. (Forbes, Entrevistador)
- W.Bauer, M., & Gaskell, G. (2000). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Londres: Sage Publicatios.
- Williams, H. T. (2011). Determinants of capital adequacy in the Banking Sub-Sector of the Nigeria Economy: Efficacy of Camels. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 233-248.
- World Bank. (2012). *Financial Stability - Global Financial Development Report 2013: Rethinking the Role of the State in Finance*. Washington DC.
- Yin, R. K. (1994). *ESTUDO DE CASO: Planejamento e Métodos*. ARTMED - 2ª edição.

Anexos

Anexo A: Indicadores de Estabilidade Financeira Angolana 2013-2017

(Porcentagem)

	dez/13	dez/14	dez/15	dez/16	dez/17
Adequação de capital					
Capital regulamentar/ativos ponderados pelo risco	19,5	19,9	19,8	19,2	18,9
Capital de nível 1/ativos ponderados pelo risco	14,3	13,9	13,8	14,3	17,6
Qualidade dos ativos					
Créditos em moeda estrangeira/total do crédito	37,8	27,4	30,8	29,5	25,1
Crédito malparado/total do crédito	9,7	11,7	11,6	13,1	28,8
Distribuição setorial do crédito					
Crédito ao setor privado/total do crédito	45,7	42,4	42,1	34,1	33,0
Crédito ao governo/ativos internos brutos	19,2	26,2	29,4	33,4	37,8
Lucros e rentabilidade					
Rentabilidade do ativo (ROA)	1,4	0,6	1,7	2,2	2,1
Rentabilidade do capital (ROE)	10,9	5,0	12,9	15,6	14,5
Total dos custos/total dos rendimentos	99,6	99,9	99,8	99,7	99,8
Taxa de juro nos empr. - taxa de juro nos dep. à vista (diferencial)	13,9	14,9	9,9	15,2	15,9
Taxa de juro sobre a poupança	4,1	4,9	3,5	4,8	9,7
Liquidez					
Ativos líquidos/total do ativo	30,1	33,9	39,7	46,3	33,8
Ativos líquidos/passivos de curto prazo	36,9	43,3	50,6	59,2	43,2
Total do crédito/Total dos depósitos	63,3	59,9	59,0	51,6	49,3
Passivos em moeda estrangeira/total do passivo	43,0	33,1	33,6	34,4	33,5
Sensibilidade e variações do mercado¹					
Posição aberta líquida em ME/capital ²	16,4	23,7	34,4	42,9	46,1
Número de bancos declarantes durante o período	22	23	28	27	29

Fonte: FMI

Anexo: B Indicadores de Estabilidade Financeira Angolana 2010

	dez/10
Adequação de capital	
Solvabilidade= FPR / (APR +ECRC/0.10)	18,60
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados P/ Risco	17,90
Qualidade dos activos	
Crédito(ME) / Crédito Total	64,90
Crédito Vencido / Crédito Total Bruto	8,60
(Crédito Vencido - Provisões p/crédito vencido) / FPR	24,00
Distribuição de Crédito por Sector de Actividade	
Crédito ao sector público / total do crédito	4,40
Crédito ao sector privado / total do crédito	95,60
Lucro e Rentabilidade	
Rendibilidade dos Activos (ROA)	3,00
Rendibilidade do Capital (ROE)	32,10
Custos Totais/ Proveitos Totais	84,00
Taxa de Empréstimos - Taxa de Depósitos à ordem (spread)	16,10
Taxa de Depósitos de poupanças	1,70
Margem financeira / margem bruta de intermediação	68,20
Liquidez	
Activos Líquidos / Activo Totais	32,00
Activos Líquidos / Passivo de curto prazo	38,60
Crédito Total / Depósitos Totais	60,60
Passivo ME / Passivo Total	53,70
Sensibilidade e Mutações do Mercado	
Exposição.Cambial aberta liquida / fundos próprios Regulamentares	4,5

Anexo C: Indicadores de Estabilidade Financeira Angolana 2011

	dez/11
Adequação de capital	
Solvabilidade= FPR / (APR +ECRC/0.10)	18,50
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados P/ Risco	14,30
Qualidade dos activos	
Crédito(ME) / Crédito Total	50,90
Crédito Vencido / Crédito Total Bruto	2,40
(Crédito Vencido - Provisões p/crédito vencido) / FPR	2,80
Distribuição de Crédito por Sector de Actividade	
Crédito ao sector público sob total do crédito	5,40
Crédito ao sector privado sob total do crédito	94,60
Lucro e Rentabilidade	
Rendibilidade dos Activos (ROA) = Lucro Líquidos / Activo Total médio	2,60
Rendibilidade do Capital (ROE) = Lucro Líquido / Fundos Próprios Totais médio	21,60
Custos Totais/ Proveitos Totais	90,20
Taxa de Empréstimos - Taxa de Depósitos (spread)	9,10
Taxa de Depósitos de poupanças	8,60
Margem financeira / margem bruta de intermediação	67,30
Liquidez	
Activos Líquidos / Activo Total	28,10
Activos Líquidos / Passivo de curto prazo	35,40
Crédito Total / Depósitos Totais	59,50
Passivo ME / Passivo Total	53,60
Sensibilidade e Mutações do Mercado	
Exposição.Cambial aberta liquida / fundos próprios Regulamentares	21,1

Fonte: BNA/Departamento de Supervisão Prudencial das Instituições Financeiras (DSI)

Anexo D: Indicadores de Estabilidade Financeira Angolana 2012

	dez/12
Adequação de capital	
Solvabilidade= FPR / (APR +ECRC/0.10)	18,30
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados P/ Risco	13,60
Qualidade dos activos	
Crédito(ME) / Crédito Total	42,70
Crédito Vencido Mal Parado / Crédito Total Bruto	6,80
Crédito Vencido Mal Parado - Provisões p/ crédito vencido Mal Parado /FPR	11,60
Distribuição de Crédito por Sector de Actividade	
Crédito ao sector público sob total do crédito	5,70
Crédito ao sector privado sob total do crédito	94,30
Lucro e Rentabilidade	
Rendibilidade dos Activos (ROA) = Lucro Líquidos / Activo Total médio	1,60
Rendibilidade do Capital (ROE) = Lucro Líquido / Fundos Próprios Totais médio	12,50
Custos Totais/ Proveitos Totais	99,40
Taxa de Empréstimos - Taxa de Depósitos (spread)	13,30
Taxa de Depósitos de poupanças	7,00
Margem financeira / margem bruta de intermediação	59,80
Liquidez	
Activos Líquidos / Activo Total	26,30
Activos Líquidos / Passivo de curto prazo	33,70
Crédito Total / Depósitos Totais	65,50
Passivo ME / Passivo Total	50,70
Sensibilidade e Mutações do Mercado	
Exposição Cambial aberta líquida / fundos próprios Regulamentares	7,0
Número de bancos que reportaram informação no período	
	22

Fonte: BNA/Departamento de Supervisão Prudencial das Instituições Financeiras (DSI)

Anexo E: Intensidades teste de Correlação

r	Intensidade
0	nula
0 – 0,3	Fraca
0,3 – 0,6	Regular
0,6 – 0,9	Forte
0,9 – 1	Muito forte
1	Plena ou perfeita

Fonte: (Gujarati & Porter, 2015).

Anexo F: Teste Correlação

The screenshot shows a window titled "Group: UNTITLED Workfi..." with a menu bar containing "View", "Proc", "Object", "Print", "Name", "Freeze", and "Sample". Below the menu is a table titled "Correlation".

	GDP_ANG	OIL_WTI
GDP_ANG	1.000000	0.663205
OIL_WTI	0.663205	1.000000

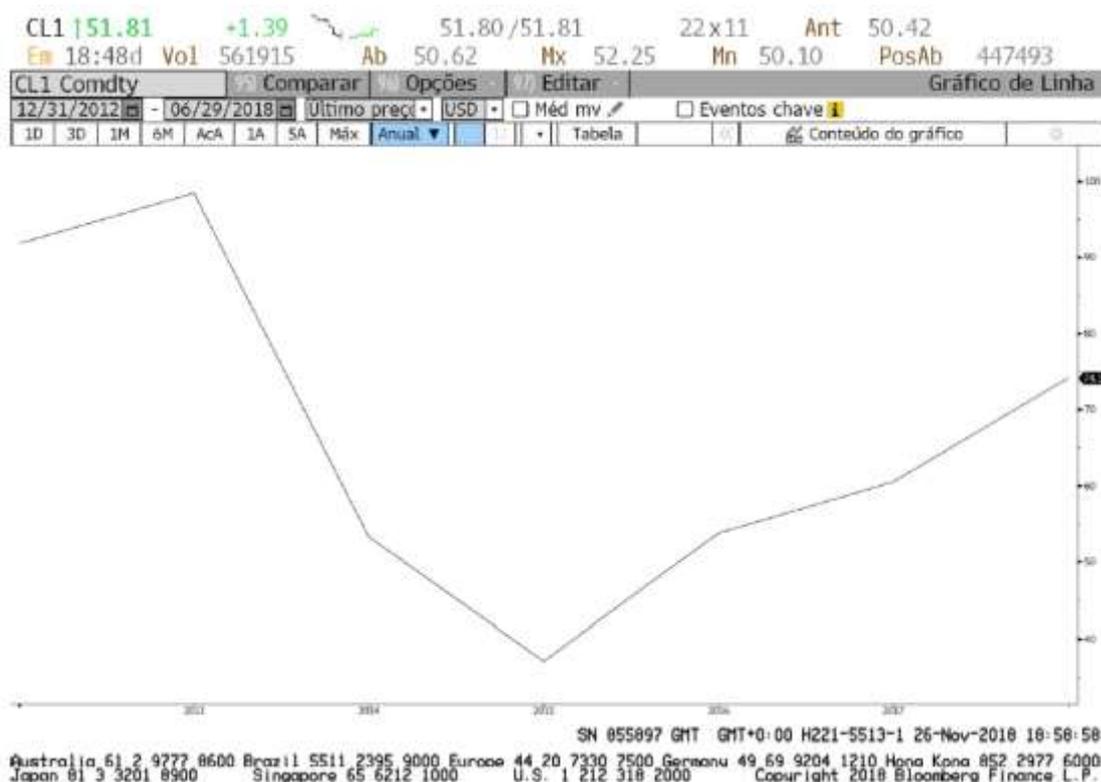
Fonte: Eviews

Anexo G: Rating modelo CAMELS

CAMEL Component	Ratio's Rating				
	1	2	3	4	5
Capital Adequacy Ratio	> 15%	12 – 14.99%	8 – 11.99%	7 – 7.99%	< 6.99%
Asset Quality Ratio (NPLs/TL)	< 1.25%	< 2.5 – 1.26%	< 3.5 – 2.6%	< 5.5 – 3.6%	> 5.6%
Management Efficiency (Cost/Income)	< 25%	30 - 26%	38 - 31%	45 - 39%	> 46%
Earnings Ability (ROA)	> 1%	0.9 – 0.8%	0.35 – 0.7%	0.25 – 0.34%	< 0.24%
Earnings Ability (ROE)	> 22%	17 - 21.99%	10 - 16.99%	7 - 9.99%	< 6.99%
Liquidity (TL/TD)	≤ 55%	62 - 56%	68 - 63%	80 - 69%	≥ 81%
Liquidity (Circulating Assets/TA)	≥ 50%	45% - 49.99%	38% - 44.99%	33% - 37.99%	≤ 32%
Sensitivity Ratio	≤ 25%	30% - 26%	37% - 31%	42% - 38%	≥ 43%

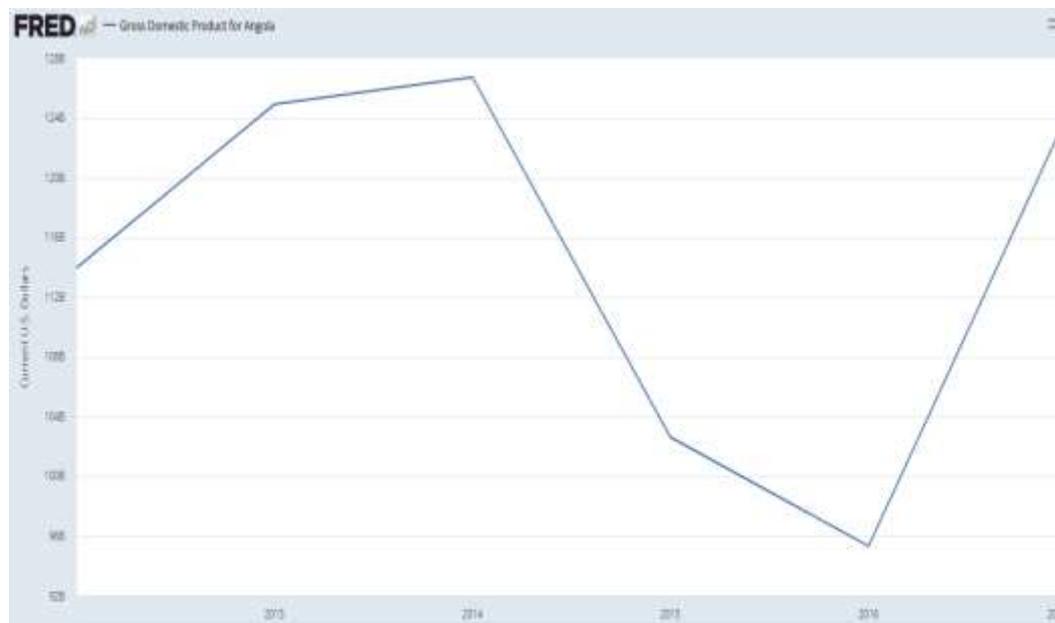
Fonte: (Desta, 2016)

Anexo H: Preço do Petróleo



Fonte: Bloomberg

Anexo I: PIB Angolano



Fonte:
FRED

Anexo J: Inquérito sobre Estabilidade Bancária

Estabilidade Bancária Angolana

Este inquérito é de cariz académico e totalmente anónimo, preservando a privacidade dos inquiridos. O mesmo é direccionado preferencialmente às pessoas que exerçam funções relacionadas com sector bancário/Económico/financeiro Angolano, contudo aberto para conhecedores sobre a matéria, tendo como objectivo principal saber a opinião dos inquiridos relativamente a situação bancário do país.

***Obrigatório**

1. Área profissional: *

Marcar apenas uma oval.

- Instituição Financeira Bancária
- Instituição Financeira não Bancárias
- Instituição não Financeira, mas pertença ao departamento Financeiro/Contabilidade/Auditoria da empresa
- Outro: _____

2. Classifique a Estabilidade Bancária do País. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito Instável	<input type="radio"/>	Muito Estável				

3. Classifique a Diversificação Económica Angolana *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Pouco diversificada	<input type="radio"/>	Muito Diversificada				

4. Atualmente, considera a economia do país dependente do petróleo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

5. Classifique, atualmente, o peso do mercado informal (obtenção divisas) em Angola *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhum Peso	<input type="radio"/>	Elevado Peso				

6. Qual considera ser o maior desafio para a Banca Angolana? *

Marcar apenas uma oval.

- Melhorar a legislação Bancária
- Reduzir o Crédito Mal-parado
- Estancar o mercado Informal
- Divesificar a economia
- Pessoal Qualificado
- Todas as anteriores
- Outro: _____

7. Como vê a atuação do FMI no sector bancário/financeiro Angolano? *

Marcar apenas uma oval.

- Trouxe melhorias para o sector bancário e/ou financeiro
- Tem prejudicado o sector Bancário e/ou Financeiro
- Ainda é cedo para tirar elações
- Não tenho conhecimento da matéria

8. Quais as suas perspectiva sobre a situação bancária Angolana *

Marcar apenas uma oval.

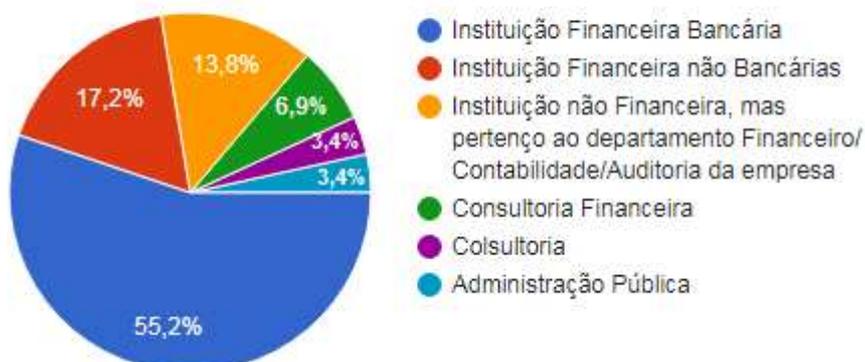
- Tende a Manter-se tal igual como está
- Tende a melhorar
- Tende a piorar

9. Qual o contributo que o BNA (Banco Nacional de Angola) pode dar para melhorar, se for o caso, a situação bancária do país? *

Respostas:

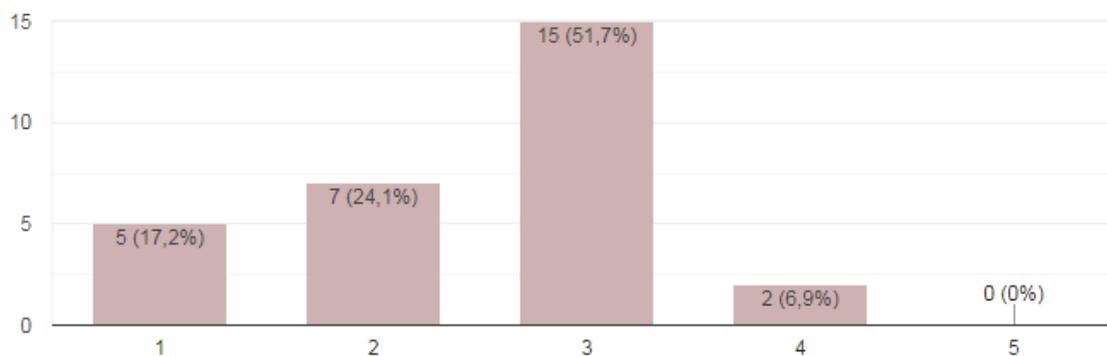
Área profissional:

29 respostas



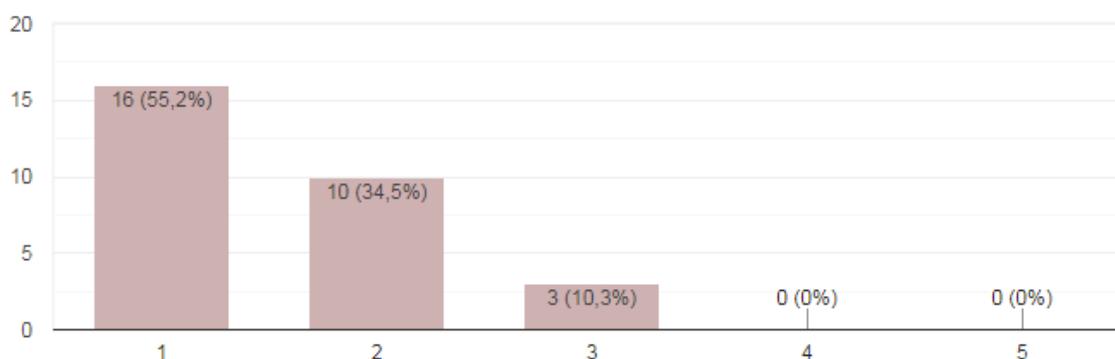
Classifique a Estabilidade Bancária do País.

29 respostas



Classifique a Diversificação Económica Angolana

29 respostas



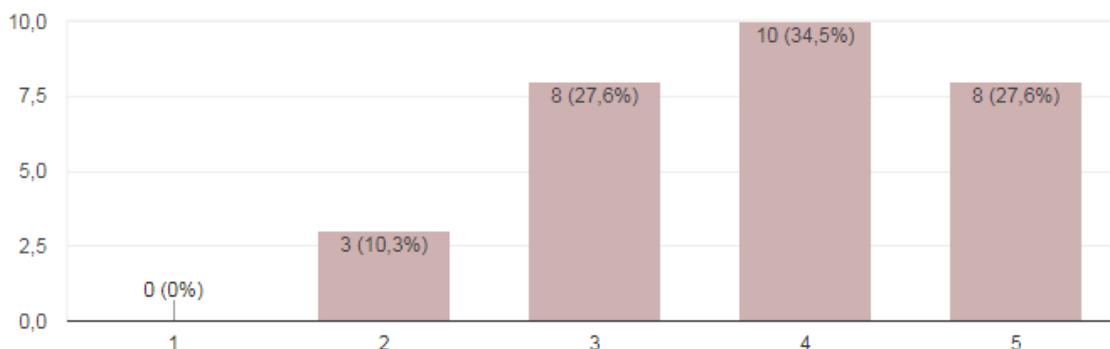
Atualmente, considera a economia do país dependente do petróleo?

29 respostas



Classifique, atualmente, o peso do mercado informal (obtenção divisas) em Angola

29 respostas



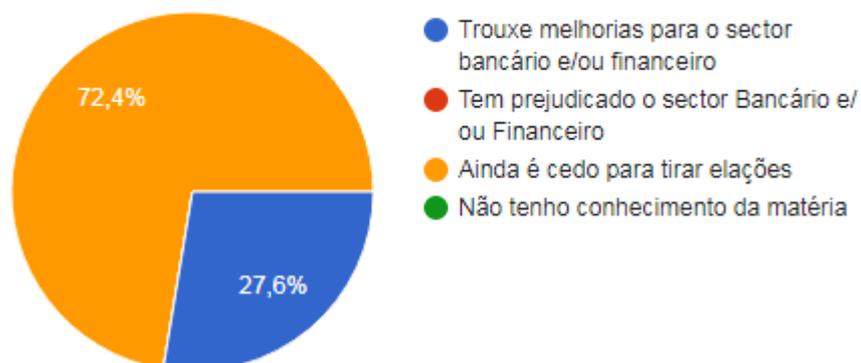
Qual considera ser o maior desafio para a Banca Angolana?

29 respostas



Como vê a atuação do FMI no sector bancário/financeiro Angolano?

29 respostas



Qual o contributo que o BNA (Banco Nacional de Angola) pode dar para melhorar, se for o caso, a situação Bancária do País?

1. Ter melhor a nível da supervisão.
2. Desmonopolizar o mercado bancário
3. Melhorar/mudar alguns Requisitos Bancário
4. Deve procurar ser no verdadeiro sentido órgão supervisor e deve criar-se uma entidade para ser reguladora do sistema bancário nacional
5. Não tem feito muito para mudar coisa alguma
6. Controlar ou estabilizar a variação do Kwanza
7. Melhorar as políticas económicas
8. Criar políticas melhorar a compra e o acesso de divisas aos cidadãos
9. Mudar a Gestão.
10. Continuar a atuar como supervisor no sentido de garantir a estabilidade financeira e com isso garantir que os bancos possam atuar enquanto intermediários financeiros para o desenvolvimento da economia
11. Maior celeridade no processo de leilão (venda de divisas a Banca comercial), exercer com maior rigor o papel de agente fiscalizador.
12. Melhorar a legislação bancária
13. Regulator, lender of last resort and overseer
14. Criar instrutivos que incentivem acesso facilitado a crédito a toda actividade e económica que visa diversificar a economia
15. Não comento
16. Melhor supervisão
17. Liberalizar a banca, a começar pela liberalização por completo da taxa de câmbio, exigir novo aumento de capitais (temos bancos a mais, para um mercado tão pequeno), com o aumento da taxa de câmbio, deve reduzir e mais a taxa de juro, de modo a financiar o mercado interno e deve deixar de vender divisas a banca, mas deixar que os bancos e clientes negoceiem, isto ajudaria a que os Bancos mais pequenos fossem absorvidos e ajudaria a reduzir os pedidos de divisas a Banca, por fim reduzir o spread das operações cambiais o que obrigaria os bancos a focarem-se no crédito e não nas cambiais
18. Regulação
19. Não comento
20. Exigir aos bancos comércios a redução do crédito vencido e abrir novas linhas de crédito para os investidores.
21. Importante haver um regulador
22. Reduzir a intervenção no negócio dos bancos.
23. Aumentar a fiscalização.
24. Sem resposta
25. Ser mais claro
26. O reforço da regulação e supervisão bancárias, com ênfase na supervisão "In situ"

27. Reduzir a legislação e melhorar as supervisões. Inibir a entrada de novos operadores e solidificar os existentes.
28. Regulação, Promoção da produção, mediante reduzir da taxa de juros de créditos.
29. A revogação da taxa de câmbio flutuante.

Entrevistas⁴

Anexo K: Entrevista 1

Entrevista a um Vice-Presidente da KPMG Portugal

Entrevistado: Dr. Vítor Ribeirinho (*Vice-presidente, KPMG Portugal*)

Oliveira Sebastião: estudante do Mestrado de Economia Monetária e Financeira no ISCTE-IUL

Tema:

Estabilidade Bancária Angolana

Objectivos Gerais

- Saber se o Sistema Bancário Angolano é estável ou instável;
- Recolher informações que contribuam para a investigação;
- Analisar a banca Angolana com base na experiência desta instituição no terreno;
- Conhecer quais as maiores debilidades da Banca Angolana;

Guião:

1. De que forma a KPMG tem atuado no Sistema Bancário de Angola?
2. Qual o desafio para a estabilidade dos bancos.
3. Existe dificuldades na obtenção dos dados?
4. Tem surgido várias notícias relativamente ao crédito mal parado em Angola. Fale-me um pouco disto.
5. Sabemos que a economia do País é dependente do petróleo. Considera que essa dependência ainda faz-se sentir muito e que o peso deste recurso ainda é grande?
6. Como avalia a Estabilidade Bancária atual do País?

Resposta às questões

P.: De que forma a KPMG tem atuado no sistema Bancário de Angola?

R.: A KPMG existe em Angola desde 2011 com a atual estrutura, mas já atua em Angola desde 1992/1993, funcionando com a atribuição de sublicenças. A KPMG internacional convidou a KPMG Portugal a assumir a KPMG Angola atribui a KPMG Angola a Portugal. Banco mundial na intervenção

⁴ As informações prestadas pelos entrevistados pode não coincidir com a posição oficial dos seus respetivos empregadores.

em Angola precisava de uma KPMG que falasse Portugal, neste caso seria a KPMG Angola ou a KPMG Portugal e na altura a selecionada foi a KPMG Portugal.

Projeto que assentava em prepara as contas do BNA para que pudessem a vir ser auditáveis. Era necessário organizar a documentação e o banco mundial acordou contratar uma entidade que ajudasse o BNA para que mais tarde pudesse ser aditável.

BNA tinha não só as funções do banco central mas também de banco comercial que era o BNI.

O trabalho da KPMG era separar a informação das duas funções do banco. Mas depois a situação política alterou houve as tais eleições entre Jonas Savimbi e José Eduardo dos Santos e a KPMG tiveram de sair de Angola em 1996 e entrou outra equipa para tomar conta da KPMG em Angola formaram e tomaram conta ate 2011, onde voltou a estar em posse dos portugueses.

Em 2011 Entraram no mercado com o brand de *financial services* muito forte. Porque em Portugal era auditores de vários bancos e trabalhavam em termos de auditoria dos maiores bancos de Portugal em auditoria e consultoria, isso fez com que quando entraram em Angola estavam a um passo a frente dos concorrentes. KPMG não pôs em Angola os serviços medianos mas sim os melhores serviços que tinham e colocaram em Angola, por isso tiveram bons resultados. Porque outras auditoras estavam lá mas não levam os recursos de 1 linha mas a KPMG levou os seus recursos de 1 linha daí o sucesso.

Depois tinham de fazer opção para saber o que queriam ser Angola: auditores dos bancos ou consultores de bancos. Mais uma vez foram fieis ao ADN. KPMG nasceu 1 como firma de auditoria e então acreditamos que é através de auditoria que pode vir as outras coisas mais. A lei em Angola estabelece que em cada 4 anos tem de haver rotação dos auditores (ex: eu sou hoje auditor do BNA mas daqui a 4 anos tenho de sair) então sei que estou a prestar serviços mas daqui a 4 anos terei que me virar para outro cliente (dinâmica de mercado). Isto tem vantagens e desvantagens. Vantagem- normalmente liberta o tema de conflito de interesses onde deixa de haver familiaridade com o cliente Desvantagem- ao longo dos 4 anos ganho confiança do cliente onde há relação e depois será cortada. Oportunidade: ao longo do tempo tive a prestar serviços e depois quando deixei de ser auditor depois dos 4 anos, mas posso prestar outros serviços que já sei que posso dar o meu contributo pois sei as lacunas.

Estudo do sector é fruto de outros serviços. A análise dá sinais de quais são os grandes desafios para Angola neste sector. Desafios para o setor era visto no mercado coisas que deve trabalhar e as entidades viam que o trabalho elaborado pela KPMG era um trabalho rigoroso e bom então solicitavam vários serviços. Onde tem vido a trabalhar: tema de *reporting* financeiro. Qual o problema deste sector financeiro em Angola é eu apresentar as contas do BNA e dizer que estão preparadas conforme as normas de Angola, mas isso não tem valor internacionalmente. Então desde sempre temos vindo junto do BNA falar progressivamente (2011 a 2019) de implementação de normas e regras. Um dos grandes marcos e projetos financeiros do BNA foi a Implementação do CONTIF (plano de contas do sector bancário) e em 8 anos já estamos o IRFS. Depois em 2016 o BNA tomou a decisão de dizer aos bancos

que será feito uma transição do CONTIF para as normas internacionais de contabilidade enquanto alguns bancos ainda não tinham conseguido implementado o CONTIF. (existe grandes lacunas técnicos e de recursos humanos). Os bancos querem internacionalizar mas la fora não existe este reconhecimento em Angola. Então 1º marco foi desde 2011 a implementação do CONTIF. 2º marco em 2016, que foi a transição do CONTIF para o IFRS.

Em termos globais 3 marco introdução do modelo governamental dos bancos emanado pelo BNA é um modelo que vem convergir muito no modelo que introduz a necessidade de ter órgãos de fiscalização mais atuantes e eficazes que fiscalizem a actividade dos bancos. Modelo de *Business risk aproudge* (dedico mais tempo nas áreas em que tenho mais risco) Também controlar os PEP (pessoas expostas publicamente) em que alguns deles são donos de bancos e de grandes empresas financeiras Angolas e as normas dizem que os bancos não podem ter ligações com PEP's. mas ao fim do dia a questão é a necessidade de implementar novos *players* em Angola, mas derivado a varias situações uma delas cambiais esses novos *players* não querem investir em Angola. O contributo do BNA enquanto BC passa por estes 3 pontos.

Dedico mais tempo nas áreas em que tenho mais rico e já estão a intervir em algumas áreas: -*Risk office, Compliance Office*, Auditoria interna, entre outras. Isso tudo estamos a falar olhando para os bancos.

Outro grande marco bancário em Angola foi a fusão de 2 bancos (BPA e o BCP) que havia um grande receio pois seria apoiar a fusão do pais mas correu bem e foi um marco muito positivo.

Agora olhando para o sector num todo. Ano apos anos tem-se verificado no adiar de algo que é necessário mas esta acontecer. Deviam se fazer mais agregações fusões mas o que esta a acontecer é o contrário. O BNA esta a retirar as licenças dos bancos que não tem suporte de estar no mercado e dar resposta a todos estes requisitos. Aquilo que se antecipa é que pode acontecer cada vez mais bancos a perder as licenças e os bancos mais pequenos não tem conseguido resistir.

P.: Qual o desafio para a Banca Angolana?

R.: O grande desafio é como os bancos vão se posicionar apos esta fase. E qual é esta fase? FMI esta em Angola a fazer um processo, a semelhança da TROIKA e esta a correr a área económico-financeira de A-Z e no fim de tudo o FMI empresta dinheiro em Angola, mas dará uns requisitos e se não cumprir estes requisitos não há dinheiro para ninguém. Em abril haverá um estudo que se chama AQA (avaliação da qualidade dos ativos) que vai compreender 8 a 12 bancos que o FMI e «m conjunto do BNA vai fazer uma análise stressada do conjunto de ativos. (analise stressada é no cenário de crise o que aconteceria a X carteiras de ativos) esse desafio vai por em escrutínio a estabilidade do sector bancário.

Desafio para a estabilidade dos bancos. Os bancos hoje em dia têm um grande problema. Não há mercado para conceder crédito. Os bancos até tem liquidez para dar crédito mas não há confiança para a viabilidade das pessoas pagarem os crédito e isso que tem “arrebentado” os bancos. Então o desafio é crescer sem recorrer aos recursos cambias. Até agora os bancos sustentam-se por operações

cambias. Entretanto não cresceram na carteira de crédito ou seja não há novos negócios. Hoje em Angola a carteira de certito tem a mesma dimensão da carteira de ativos. Que é o “Core Business”.

P.: Existe dificuldades na obtenção dos dados?

R.: Tremendas dificuldades, sendo que as maiores são em termos operacionais. O sector bancário é muito dependente daquilo que acontece nos outros sectores. Se os outros sectores não fornecem estes tais dados financeiros aos bancos, será muito difícil para os bancos analisar por exemplo os créditos, que as empresas não dão retorno da sua carteira de crédito nem balaços dignos de serem analisadas. As empresas não tem informações atualizadas para fornecer aos bancos. Então uma das soluções para disciplinar as empresas é agravar as taxas caso as empresas não forneçam informações financeiras atempadamente e isso disciplina as empresas pois elas querem crédito, não querem ter taxas de juro maiores. Mas as dificuldades continuam a haver. Dificuldade da credibilidade e da tempestividade.

P.: Tem surgido várias notícias relativamente ao crédito mal parado em Angola. Fala-me um pouco disto.

R.: Para o sector financeiro hoje uma existe uma avalanche do crédito mal parado. Pois o não pagamento dos empréstimos reflete-se um pouco mais afrente. 1 (perspetiva) - como vamos fazer a crescer a nossa carteira de crédito; 2-(momento atual) - como vou recuperar o crédito que não estão a me pagar. *Hedge found* (compram crédito para vender mais afrente com as colaterais) mas como não há registo de propriedade não consigo recuperar crédito com esses bens de propriedade. Mas a recuperação do crédito ainda levava alguns anos a resolver. BCP tem 85 da sua carteira vencida. O crédito vencido/crédito total. A única forma de resolver isso é ter modelos para recuperação do crédito. Então hoje os bancos estão a olhar nisso de uma forma mais proactivo. Este tema é um desafio tremendo.

Outra coisa é o processo de privatizações. Todos sabemos que o mercado de capitais pode ser uma alternativa para as empresas mas o se estiver a funcionar bem. Mas hoje em Angola existem grandes barreiras (cambias e expatriação dos lucros, ou seja, como tiro o meu dinheiro em Angola de uma forma eficaz) como os dividendos podem sair de Angola. Então que o tema dos mercados de capitais que o tema das privatizações são soluções dos bancos mas não dependem só deles.

Por últimos: o curto de custos. Já que não conseguimos vender vamos ver no que podemos cortar. E a capital é a cidade mais cara de africa e é uma das capitais mais caras do mundo.

E no sector bancário também vê-se isso pois para manter a competitividade dos bancos há que investir em pessoas e para trazer pessoas para trabalhar em Angola custa muito caro. Outra coisa são os modelos IT que em Angola é um grande desafios devidos as dificuldade da rede (modelo de digitalização).

O futuro vai depender do resultado do estudo do FMI e os bancos estão mesmo preocupados e a preparar-se da melhor forma, porque isso pode abanar a estrutura bancaria do País. Este exercício está com previsão de concluir em setembro deste ano e haverá grandes mudanças na tomada de muitas decisões dos grandes desafios do País.

P.: Sabemos que a economia do País é dependente do petróleo. Considera que essa dependência ainda faz-se sentir muito e que o peso deste recurso ainda é grande?

R.: O peso não mudou quase nada. O peso só baixou um pouco mas não por haver diversificação e aposta em novas coisas, mas sim porque existe menos produção e um custo maior. Então esse peso percentualmente alterou-se (baixou) mas substancialmente mantém-se. Porque se essa diversificação que tanto se falar na parte da indústria começasse a dar mais um passo de que é importante apostar na indústria nacional, as coisas realmente poderiam mudar, mais tem sido temas mais “político” do que de “prático”. Mas Angola ainda não tem muitas condições para diversificar o sector quando ainda não há condições internas para levar a cabo essa diversificação. Na verdade, o tema da diversificação vem sempre à tona quando o preço do petróleo desce, porque quando o preço volta a restabelecer esquecem-se de toda a diversificação necessária. Então, ou leva-se a sério a importância da diversificação ou estaremos sempre expostos a essas dificuldades quando o preço do petróleo oscila. As políticas de diversificação tem de acontecer quando o País está estável e tem como dar vazão a todos os desafios da diversificação, caso contrário será sempre “um tiro no escuro”, passo a expressão.

R.: Como avalia a estabilidade bancaria atual do País?

Essa resposta teria um grau de certeza maior após o resultado do FMI. Mas o facto de o BNA já estar a tirar algumas licenças, não perspectiva nada de bom e acredito que a estabilidade está muito próxima que a nota será negativa.

Os 5 maiores bancos de Angola representam mais de 75% do sector. Pelo menos nesses 5 não haverá grandes problemas, mas basta um desses bancos ter problemas haverá grande impacto.

Anexo L: Entrevista 2

Entrevista a um Economista do Banco de Portugal

Entrevistado: José R. Maria (Economista, Banco de Portugal)

Oliveira Sebastião: estudante do mestrado de Economia Monetária e Financeira no ISCTE-IUL

Tema:

Estabilidade Bancária Angolana

Objectivos Gerais

- Recolher informações que contribuam para a investigação;
- Saber a importância da estabilidade Bancária num País
- Quais os melhores indicadores para analisar a Estabilidade Bancária
- Importância da supervisão bancária.

Guião:

1. Fale um pouco da sua experiência profissional em Angola
2. De que forma as crises podem afetar o Sistema Bancário?
3. Em contra partida, de que forma o Sistema Bancário pode agir para atenuar as crises?
4. Tendo em conta a sua experiência em estudos económicos, quais os indicadores que considera imprescindíveis para estabilidade de um banco?
5. Qual o peso que um modelo de supervisão, regulamentação e regulação que poderá ter num banco?

Resposta às questões

P.: Fale um pouco da sua experiência profissional em Angola

R.:A experiência foi muito curta, tive a apoiar diretamente o BNA nos estudos económicos num projeto em que estava inserido o FMI.

O pedido de programa de assistência económica e financeira de Angola ao Fundo Monetário Internacional (FMI) surge sete anos depois de se ter acordado o anterior resgate e numa altura em que Luanda ainda tem por pagar cerca de 180 milhões de euros dos cerca de 1,1 mil milhões de euros (à cotação atual) pedidos, em 2009, à comunidade internacional. Em Novembro desse ano, tal como agora, a queda do preço do petróleo foi a causa próxima do pedido de empréstimos ao FMI. No "acordo de stand-by" de 2009 ficaram prometidos 1,4 mil milhões de dólares destinados a apoiar a balança de

pagamentos do País. O programa vigorou ao longo de 27 meses, tendo terminado a 30 de Fevereiro de 2012. Nas contas do FMI, falta ainda a Angola pagar o equivalente a 183 milhões de euros, sendo que a maior fatia da amortização remanescente, cerca de 125 milhões de euros, estava precisamente agendada para este ano.

P.: De que forma as crises podem afetar o Sistema Bancário?

R.: Quando temos uma crise normal associada a uma crise financeira, o tempo que leva a sair dessa crise é muito maior se fosse apenas considerada a crise “normal”. Quando as crises estão associadas a crises do sistema bancário leva muito mais tempo. Por esta razão, a estabilidade bancária é um aspeto fundamental a ter em conta para a Política Monetária de qualquer País.

P.: Em contra partida, de que forma o Sistema Bancário pode agir para atenuar as crises?

Por vezes esse mesmo sistema bancário poderá ser ele próprio causador de crises e se existir uma acumulação de fatores de natureza real e natureza financeira o tempo que leva recuperarmos dessa crise é muito maior do que se não existisse nenhum problema no sistema bancário. Por crise bancária entendesse dificuldade dos bancos se financiarem a eles próprios. O sistema bancário pode ter em si algumas características que podem despoletar crises e problema tem a ver com o valor do banco. Assumindo que o valor de um banco é a capacidade que ele tem de gerar dividendos, mas enquanto esse banco por exemplo valer 100 e está estável, então se ele valer 110 ou mais é bom e pode não gerar problemas. Mas se por exemplo o banco valer 80 temos de nos preocupar porque está mais longe do ponto de equilíbrio e ele próprio pode ter problemas de restrições como por exemplo do crédito e financiamento e um sistema bancário com problemas de financiamento gera imensos problemas porque aí a distância daquilo que seria o crédito ótimo e um crédito concedido não tem nada a ver com uma situação em que tenho o crédito ótimo e o sistema bancário tem acesso a esse financiamento, mas sem o acesso esse financiamento esse crédito ótimo vai ter de ser reduzido e nesta redução pode haver aqui uma interação que pode começar no sistema bancário e vai parar no sistema real da economia. Pois se não existir problema no sistema bancário, acontece que o circuito de financiamento dos agentes económicos e alocação de empréstimos a investimentos garantidos, isso facilita o processo de saída.

A forma clássica de ver os problemas do sistema bancário, tem a ver com o facto de o mesmo funcionar com amplificadores de crises. Tipicamente o ideal é o sistema bancário ser um amortecedor de crises, por exemplo, a crise é grande mas poderia ser maior se o sistema bancário não intervisse, pois o sistema bancário aguenta com parte dessas crises, isso é quando o sistema bancário é amortecedor das crises. Mas o que se descobriu é que o sistema bancário pode ser ele próprio amplificador de crises, ou seja, ele não causa a crise mas amplifica-a e isso chamasse o acelerador financeiro, tendo um efeito de multiplicação de crises.

P.: Tendo em conta a sua experiência em estudos económicos, quais os indicadores que considera imprescindíveis para estabilidade de um banco?

R.: Tendo em conta aquilo que é a estabilidade bancária os indicadores fulcrais para a estabilidade bancária podemos dizer que são aqueles que nos usamos quando fazemos o relatório de estabilidade financeira do Banco de Portugal e são eles: os indicadores de rentabilidade, ou seja, o ROE e o ROA, bem como rácios relacionados com o crédito, como o NPL e o Rácio de transformação. Existem outros, mas esses considero os fundamentais para a análise do banco.

P.: Qual o peso que um modelo de supervisão, regulamentação e regulação que poderá ter num banco?

R.: Podemos dizer que a regulação e supervisão é a base de uma estabilidade bancária pois é com essas diretrizes com que os bancos vão orientar-se. Vejamos os acordos de Basileia, estes vieram sustentar a maioria dos requisitos que hoje são usados pelos grandes bancos mundiais, em que cada um deles teve a importância que teve na altura em que foi implementado, surgindo sempre a necessidade de desenvolver as metodologias em foque. Porém, muita gente é da opinião que os primeiros dois acordos fracassaram, por isso houve sempre a necessidade de criar um outro, mas é muito fácil fazer prognósticos depois dos jogos, pois nós só conseguimos ver que os modelos não eram assim tão bons depois de ver os resultados, pois antes não era possível prever se iria correr bem ou mal. Contudo, somos todos da opinião que existiram coisas que tiveram efeitos positivos e outras coisas efeitos negativos.